



UFC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES II
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

MARIA LARYSSA ALVES DA SILVA

**CAMINHOS DA LEITURA: UM OLHAR PARA O INCENTIVO A LEITURA
ENTRE OS JOVENS BRASILEIROS**

FORTALEZA

2023

MARIA LARYSSA ALVES DA SILVA

CAMINHOS DA LEITURA: UM OLHAR PARA O INCENTIVO A LEITURA
ENTRE OS JOVENS BRASILEIROS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Biblioteconomia do Centro de Humanidades II da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A48c Alves, Laryssa.
Caminhos da Leitura : um olhar para o incentivo à leitura entre os jovens brasileiros / Laryssa Alves. –
2023.
75 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa.
1. incentivo à leitura. 2. leitura entre jovens. 3. história da leitura. 4. práticas de leitura. I. Título.
CDD 020
-

MARIA LARYSSA ALVES DA SILVA

CAMINHOS DA LEITURA: UM OLHAR PARA O INCENTIVO A LEITURA
ENTRE JOVENS BRASILEIROS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Biblioteconomia da UFC como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia, orientado pelo
Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa

Aprovada em: 30/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Arnaldo Nunes da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes
Universidade Estadual do Ceará (UFC)

Ao primeiro livro que um dia me fez chorar,
ainda criança (A Menina Que Roubava
Livros). Nesse dia, me tornei humana.

AGRADECIMENTOS

À Deus que tanto me amparou, guiou e consolou nos momentos difíceis, que foi meu farol, sempre providenciando tudo em minha vida, que nunca me deixou só.

À minha querida, quase mãe, UFC. Por ter sido lugar de descobertas e aprendizados, por fornecer refeições de qualidade gratuitas e auxílio financeiro durante esses mais de quatro anos, por ter me proporcionado tantas conquistas. Tenho orgulho de ter passado por essa casa e, como boa filha, prometo que um dia tornarei.

À BCH (Biblioteca de Ciências Humanas), que se tornou minha mina de ouro e diamantes, na qual ia constantemente garimpar as preciosidades que embasaram minha pesquisa. Nos primeiros semestres, a ida à biblioteca era agradável e leve: às vezes andava a esmo pelas estandes, como criança buliçosa, procurando qualquer livro que me gerasse curiosidade. Tempos depois, essas idas se tornaram essenciais e mais focadas na pesquisa, mas sem nunca perder o encanto.

Ao Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa, por todo o apoio, motivação e excelente orientação. Você me deu espaço, autonomia e liberdade para me desenvolver neste trabalho, para me tornar de fato uma pesquisadora. Mas também foi meu guia, a mão que segurava e apontava o caminho. Sempre cheio desse carisma que só você tem.

À mulher que me gerou, amou e moldou pra esse mundo. Minha mãe, Clara, que sempre foi minha melhor amiga. Sua caminhada diária até a escola, debaixo de chuva e sol, não foi em vão. Um dia você foi comigo fazer a confirmação de matrícula na UFC. Hoje, acompanha minha defesa de monografia. Quem sabe o que mais virá?

Ao meu namorado, parceiro, amigo, confidente e companheiro de todas as horas, Fernando. Você esteve do meu lado sendo minha base, motivação e alento. Obrigada por segurar minha mão durante essa jornada. Continuarei segurando a sua, sempre.

Aos melhores amigos que poderia ter feito nesses quatro anos, os “Bibliotários”. Eu disse que ia pôr vocês nos agradecimentos, não disse? E cá estamos, finalizando aos poucos nossa graduação... Foi uma honra poder caminhar ao lado de vocês durante todos esses anos. Sempre vou lembrar com carinho das nossas piadas, dos almoços e jantares no RU, de tudo. Amo muito todos vocês.

“O intelecto de Matilda continuou a crescer, alimentado pelas vozes daqueles autores que tinham lançado seus livros no mundo como navios que são lançados ao mar. Esses livros davam à Matilda uma mensagem reconfortante: você não está sozinha.” (MATILDA. Direção: Danny DeVito. Produção da Universal Studios. EUA: Sony Pictures Motion Picture Group, 1996)

RESUMO

A presente monografia apresenta-se como parte essencial para efetiva graduação no bacharelado de biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, e tem por finalidade a investigação do estado da arte acerca do incentivo à leitura entre jovens no Brasil, de maneira a compreender o que gera afastamento ou aproximação dos jovens para com a leitura e suas práticas. Assim, tem-se como metodologia, primeiramente, o estudo linear acerca da história da leitura e de suas compreensões, dentro e fora do Brasil, para que em seguida se possa esclarecer, para a contemporaneidade, o que é a leitura enquanto atividade cognitiva, social e comunicacional e como a mesma pode trazer benefícios a vida dos jovens brasileiros, o que se dará através da análise hermenêutica das diversas teorias existentes acerca da temática. Em seguida, faz-se uma análise de dados atuais acerca da leitura no Brasil, bem como uma análise quantitativa das pesquisas existentes na área. Desta forma, pode-se caracterizar a pesquisa como exploratória e qualitativa. Por fim, como resultados, pode-se destacar as dificuldades de incentivo às práticas leitoras como um todo, tendo em vista, por exemplo, a variedade de suportes e tecnologias disputando constantemente nossa atenção, ao invés de serem suportes de apoio e mesmo incentivo à leitura – o que seria o cenário ideal. Esse é apenas um dos fatores que afeta a construção de uma cultura leitora dentro e fora das escolas. Desta forma, pode-se concluir que, mais do que nunca, é necessário o debate acerca de questões como essa e o combate aos entraves do incentivo a leitura, através de ações que visem à adaptação às novas tecnologias e diferentes suportes informacionais, bem como a compreensão dos diversos contextos socioeconômicos e culturais em que cada jovem está inserido. Tudo isso se faz necessário também, à medida que a comunidade científica e acadêmica se esforça em cobrir essa lacuna informacional que temos atualmente acerca de temáticas voltadas para práticas e incentivos de leitura.

Palavras-chave: práticas leitoras; incentivo à leitura; história da leitura; leitura no Brasil; práticas metodológicas de incentivo a leitura; práticas leitoras entre jovens brasileiros.

ABSTRACT

The present monograph presents itself as an essential part for an effective graduation in the bachelor's degree in librarianship at the Federal University of Ceará, and aims to investigate the state of the art about encouraging reading among young people in Brazil, in order to understand what causes distancing or bringing young people closer to reading and its practices. Thus, as a methodology, firstly, the linear study about the history of reading and its understandings, inside and outside Brazil, so that then it can be clarified, for the contemporaneity, what reading is as a cognitive activity, social and communicational and how it can bring benefits to the lives of young Brazilians, which will be done through the hermeneutic analysis of the various existing theories about the subject. Next, an analysis of current data on reading in Brazil is carried out, as well as a quantitative analysis of existing research in the area. In this way, the research can be characterized as exploratory and qualitative. Finally, as a result, it is possible to highlight the difficulties of encouraging reading practices as a whole, considering, for example, the variety of supports and technologies constantly disputing our attention, instead of being supports of support and even encouragement to reading – which would be the ideal scenario. This is just one of the factors that affect the construction of a reading culture inside and outside schools. In this way, it can be concluded that, more than ever, it is necessary to debate about issues like this and to combat obstacles to encouraging reading, through actions aimed at adapting to new technologies and different information supports, as well as understanding the different socioeconomic and cultural contexts in which each young person is inserted. All of this is also necessary, as the scientific and academic community strives to cover this informational gap that we currently have on topics related to reading practices and incentives.

Keywords reading practices; encouraging reading; reading history; reading in Brazil; methodological practices to encourage reading; reading practices among young Brazilians.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Amostra Breve da Estrutura Cronológica da História Geral

Figura 2- Rendimento Educacional no Brasil Durante a Pandemia de Covid-19..... 43

Figura 3- Comparativo dos Quantitativos da Pesquisa Retratos da leitura no Brasil..... 55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Tabela Temporal Acerca das Diferentes Compreensões de Leitura	35
Tabela 2 Tabela de Dados Apurados Sobre Leitura na BRAPC	62
Tabela 3 Tabela do Quantitativo Apurado na Pesquisa nos Anais do Evento Enancib.....	64

LISTA DE SIGLAS

Atu.	Atualmente
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
Cenpec	O Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CI	Ciência da Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
FLUP	Festa Literária das Periferias
IA	Inteligência artificial
IAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
PC	Computador (<i>personal computer</i>)
RICI	Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação
Séc.	Século
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	O TEMA E SEUS CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO.....	15
3	DA METODOLOGIA E DOS OBJETIVOS.....	17
4	A LEITURA ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	18
4.1	Revisão Bibliográfica da História da Leitura.....	20
	- Idade Antiga.....	22
	- Idade Média.....	25
	- Idade Moderna.....	29
	- Idade Contemporânea.....	33
4.2	Histórico Teórico da Leitura no Brasil.....	37
4.3	Cenário Brasileiro Atual.....	39
5	PRÁTICAS METODOLÓGICAS PARA A LEITURA.....	44
5.1	Revisão Bibliográfica de Obras Sobre Métodos e Técnicas de e Para a Leitura.....	46
5.2	As Práticas Metodológicas Brasileiras e a Juventude.....	49
6	LEITURA E PRÁTICAS LEITORAS -DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO CENÁRIO NACIONAL.....	52
6.1	Estudo Analítico dos Exemplos Encontrados na Literatura	56
7	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	61
8	CONCLUSÕES.....	65
	REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

Num mundo cada vez mais hiperconectado e superfluido, onde as imagens não apenas falam mais que as palavras, mas também gritam e se movem e estas, por sua vez, tornam-se cada vez mais abreviadas, a formação de leitores e as relações críticas e socioculturais entre nós e o mundo, reduzem-se a um quase nada.

Vivemos uma era de grandes transformações, onde o monopólio informacional reina, mesmo que muitas vezes despercebido. Mas o que a torna mais pungente é o fato de que seus acontecimentos históricos marcantes ocorrem com cada vez mais demasiada velocidade.

Tomando como recorte os anos 2000 a 2022, é possível constatar o fato: houve o famoso e drástico 11 de Setembro e outros diversos casos marcantes de terrorismo na Europa; o nascimento do iPod e do iPhone, que revolucionaram o mercado tecnológico; houveram três diferentes papas na liderança da igreja católica (João Paulo II, Bento XVI e Francisco); surgiu uma pandemia que, por dois anos, tomou conta do mundo, trazendo severos impactos socioculturais, educacionais, econômicos, sanitários, dentre outros diversos; também surgem as diversas e em velocidade recorde, vacinas contra o vírus Sars-Cov-2; o início e o desenrolar da guerra entre Ucrânia e Rússia; houve também a morte de uma das mais famosas e longínquas monarcas do séc. XXI (Elizabeth II).

Em 22 anos, muitas mudanças significativas aconteceram. Muito se transformou e reconfigurou, em diversos âmbitos. Os DVDs alugados nas locadoras já não tem mais tanto valor social como antes. Como bem previu Canclini (2008, p.18) ao citar Diz Mann Claesseur, diretor do Kinopolis em Madri: “Trata-se de converter os cinemas em plataformas audio-visuais”. Apesar de que já nem mesmo os cinemas geram tamanho fascínio como antes. É claro que estes ainda têm sua grande freguesia de cinéfilos, amantes das artes cinematográficas e fãs de diversos gêneros que gostam da experiência dos enormes sala e telão. Mas é fato que a chegada dos streamings afetou bastante o mercado dos cinemas, a nível mundial.

É esse o cenário em que nós brasileiros estamos inseridos e é ele, de tantas transformações e acontecidos céleres, que nos torna cada vez mais passivos em relação ao mundo ao nosso redor, nos fazendo perder aos poucos e constantemente, a capacidade de se espantar ou assombrar com o novo, o diferente.

Capacidade essa que é defendida desde muito e por muitos, como Platão, como sendo a origem do conhecimento. “O risco está em que a viagem digital errática seja tão absorvente que leve a confundir a profusão com a realidade, a dispersão com o fim do poder, e que a

admiração impeça que se renove o assombro como caminho para um outro conhecimento” (Canclini 2008, p. 16).

Mas, se por um lado vivemos tal e preocupante realidade, construída por nós mesmos enquanto sociedade, por outro, é importante frisar que nossa constituição humana é a de seres pensantes que utilizam-se de diversas formas de comunicação e expressão, tendo a leitura como importantíssima ferramenta, construtora de pontes e saberes.

Desta forma, no decorrer do presente trabalho, pretende-se explicitar melhor um pouco de como a leitura se transformou, de fascínio a atividade técnica, e de como se ressignificou na contemporaneidade, de hábito a prazer, e como se pode traçar meios de incentivar, de maneira eficaz, a construção de uma cultura leitora, através por exemplo, da literacia entre jovens.

O trabalho será norteado sob 3 pontos principais – que serão enumerados como 3, 4 e 5 nas seções que seguirão – que são: a leitura através dos tempos (suscitando uma linha do tempo histórica e teórica); práticas metodológicas para a leitura (que tratará de tipos e definições conceituais); e leitura e práticas leitoras -desafios e oportunidades no cenário nacional (que se concentrará nas questões nacionais).

2 O TEMA E SEUS CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO

A escolha da presente temática se dá, em primeiro lugar, devido ao olhar sensível que a autora tem para com a questão das práticas e paixões leitoras, em sua presença ou ausência nos cotidianos que nota ao seu entorno. Desde cedo, interessou-se pela leitura literária, ficcional, de aventuras e mistérios, que perdurou e evoluiu até hoje, personificando-se nos seus autores favoritos do gênero policial e correlatos.

Ao longo dos seus 22 anos, a autora desenvolveu o amor pela leitura e seus desdobramentos informacionais e formativos. São as experiências e lembranças de sua mocidade leitora e curiosa que permearão e endossarão o trabalho. Isso posto, realce-se que é justamente a paixão pela leitura que pretende-se compreender e cultivar dentro do universo do público-alvo escolhido para a pesquisa.

Tendo em vista que a experiência e vivência pessoal são fortes validadoras de um discurso, o trabalho é assim, reflexo da empatia da autora, não apenas com a temática mas também com o público-alvo escolhido, tendo em vista já ter ela mesma vivido a fase escolar aqui recortada, de muitas descobertas e transformações, que lhe moldaram o caráter e o ser através principalmente do gosto e interesse pela leitura, em suas várias formas.

Desta forma, é desse legado de leitura que nasce um grande interesse na busca de respostas para as questões aqui tratadas, pretendendo a contribuição positiva para o debate da leitura – em ampla perspectiva – com suas investigações e reflexões, visando a aplicabilidade prática do estudo às realidades escolares e também o potencial desenvolvimento de futuras ações e projetos de incentivo à leitura, aqui embasados, que sejam de fato eficazes e transformadores na vida de jovens em idade escolar.

A autora acredita fortemente na importância do cultivo de uma cultura leitora entre os jovens, pois ela mesma colheu excelentes frutos dessa sementeira, sendo a presente monografia o seu mais novo produto da grande colheita acadêmica. A leitura transformou-lhe a mente, os costumes, a florou-lhe ideias e o próprio senso crítico, lhe amadureceu a escrita e o saber, e é hoje o seu objeto de pesquisa, na intenção de bem compreendê-la, ressaltar seu valor e incentivá-la entre os jovens.

Já no campo acadêmico, também se justifica a escolha da temática do presente estudo pela visível e crescente necessidade do desenvolvimento da leitura crítica que muitos jovens brasileiros apresentam na contemporaneidade. Estão eles – e todos nós enquanto sociedade – sempre e constantemente rodeados pelas pulsantes tecnologias e por um massivo e constante fluxo de informações e saberes que muitas vezes, dentro da nossa, assim nomeada por

Castells, sociedade da informação, acabam se confundindo, fundindo e fugindo da nossa percepção crítica.

A tecnologia que tanto nos rodeia, mediando nossas relações humanas e acesso informacional, deve ser vista como aliada à leitura, e não como ferramenta de afastamento e desconstrução da prática leitora. A autora acredita que é de suma importância o desenvolvimento do gosto pela leitura, desde a infância, através da literatura e de outras ferramentas, a fim de transformar a nossa sociedade de passiva e submissa, a ativa e atuante.

Tem se tornado cada vez mais explícita a substituição de páginas por telas, que vem acontecendo rapidamente com o passar dos anos, como um reflexo das mudanças e evoluções tecnológicas que a humanidade vem constantemente provocando e experimentando. E é justamente por isso que a temática escolhida se justifica como tão importante e atual, pois a leitura, que nunca foi apenas de letras, mas também de imagens e do nosso próprio mundo, agora tem diversos suportes – como o Kindle por exemplo – e necessita assim ser cada vez mais estudada, discutida e incentivada.

Muitos dos nossos jovens brasileiros veem a leitura apenas na sua ótica tradicional e engessada, o que contribui para o distanciamento deles com ela. Afinal, com tantos atrativos online como as redes sociais, tão dinâmicos, pulsantes e envolventes, é difícil não se deixar levar pelo *glamour* digital sem se interessar em desenvolver nenhum tipo de leitura crítica acerca do que se vê. A prática leitora, aqui tratada e defendida, vem como ferramenta transformadora e cooperadora para mudar tal realidade, o que justifica a escolha e defesa de tão importante tema.

Isso posto, faz-se necessária a criação de uma linha de raciocínio e pesquisa que investigue o estado da arte da temática do incentivo à leitura e como ela se encontra no Brasil de hoje, especificamente entre os jovens. A pesquisa então deve inicialmente se fincar na história, desde a antiguidade humana, na raiz do surgimento da escrita, que leva a prática da leitura por consequência – mesmo sendo esta, algo que nós, enquanto seres humanos, já exercemos de diferentes formas em distintos contextos, antes mesmo haver um sistema de escrita, o que será explorado mais a frente ao longo do trabalho.

3 DA METODOLOGIA E DOS OBJETIVOS

A metodologia escolhida para o estudo foi a da pesquisa exploratória sobre leitura e práticas leitoras, afunilando-se para a leitura entre jovens em âmbito escolar, com natureza qualitativa. Especificamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que concerne a uma revisão da literatura especializada e também da interpretação de dados atuais acerca da temática.

A pesquisa exploratória visou, através da própria leitura, oferecer uma ampla visão acerca da leitura -- no que diz respeito a sua história e suas práticas -- orientando, desta forma, a formulação das hipóteses, reflexões e conclusões do estudo.

Dessa forma, o que pretendeu-se com a presente monografia, a investigação acerca do que é e como anda a leitura no Brasil, e o que pode proporcionar a aproximação ou o afastamento dos jovens brasileiros com a mesma.

Afinal, a leitura, que é própria da condição humana, é ainda – segundo Castrillón (2003, p. 19) – “um direito de todos que [...] permite o exercício pleno da cidadania”. Complementam também, Oliveira e Prados (2015, p.103) ao afirmarem que “a leitura permite que o cidadão desenvolva uma consciência crítica a respeito de si e da sociedade”.

Assim, no que tange aos objetivos, define-se como propósito geral do trabalho, o de entendimento acerca da história e do estado da arte da leitura, na busca por respostas acerca do que causa o afastamento ou a aproximação de jovens, em idade escolar, de uma cultura leitora.

Também, projetou-se aprofundar e aclarar de maneira consistente, dentro de uma abordagem qualitativa, aspectos derivados daquilo que foi acima posto como objetivo geral. Seguem-os explicitados e detalhados abaixo:

- a) Suscitar uma revisão bibliográfica da história da leitura;
- b) Investigar, dentro da propedêutica da biblioteconomia, as definições e entendimentos acerca da leitura, em amplo aspecto;
- c) Promover um estudo da arte voltado para:
 - Práticas metodológicas de leitura;
 - O atual quadro da cultura leitora no Brasil;
- d) Analisar os dados quantitativos acerca das pesquisas e trabalhos existentes na área das práticas e incentivos à leitura.

Logo, escolheu-se inicialmente a ótica da história da leitura, que perpassa a própria história da humanidade, seguida da investigação das diferentes definições daquilo que vem a

ser a leitura, entre diferentes autores de diferentes épocas, traçando conexões e reconhecendo a evolução do pensamento acerca da temática, o que caracteriza uma ótica histórico-cultural.

E desta forma, faz-se necessário também entender algumas das várias práticas metodológicas existentes para a leitura, desembocando nas próprias práticas leitoras. Tudo isso, claro, vem não apenas no contexto da pesquisa bibliográfica clássica, mas também de artigos e pesquisas mais atuais, e dos próprios dados acerca da realidade leitora brasileira, tendo em vista que é no cenário dos jovens brasileiros que se pretende aprofundar.

Mesmo porque, a história que estudamos na escola, principalmente nos anos iniciais, já é uma história demasiadamente Euro Clássica, que não costuma se aprofundar nem mesmo do lado oriental do globo, quanto mais se deter na América Latina. Claro que esta é uma generalização, mas que tem sua inerente razão de ser.

Segundo Bastos e Keller (2006, p. 38), “A leitura é um processo que envolve algumas habilidades, entre as quais a interpretação do texto e a sua compreensão.” Desta forma, a própria leitura é aqui utilizada como ferramenta primordial para pesquisa e desenvolvimento do trabalho, sendo assim justificável a escolha de manter o estudo dentro da esfera teórica: há a necessidade da autora de explorar a literatura especializada acerca da temática escolhida, tendo em vista ser essa a sua primeira monografia dentro do universo acadêmico.

Acredita-se que o estudo exploratório de bases teóricas são fundamentais em qualquer que seja a área de estudo. E, se tratando da construção das bases teóricas da presente monografia, esta se deu, como já citado anteriormente, pelo fazer da própria leitura, no âmbito da pesquisa bibliográfica. Afinal, que melhor maneira de estudar e compreender a leitura, em seus amplos aspectos, senão praticando o próprio ato de ler?

Desta forma, os autores escolhidos para a pesquisa bibliográfica mais teórica, que embasa a pesquisa, foram: Eliana Yunes, renomada escritora e pesquisadora da Ciência da Informação; Roger Chartier, historiador, professor e escritor que trata da história do livro e da leitura; e Robert Darnton, historiador cultural e bibliotecário.

Já dentre os mais antigos estão: o também historiador, Michel de Certeau, em suas pesquisas sobre história cultural e leitura; e o escritor Richard Bamberger, em seus escritos sobre literatura e incentivo à leitura.

Foram acrescidos ainda por Paulo Freire, grande nome da Pedagogia e Educação, que trata da leitura na ótica pedagógica; e Néstor Canclini, antropólogo que trata da cultura e da leitura como ação e expressão cultural.

4 A LEITURA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Creio que buscar compreender o que é a leitura, é como adentrar dentro de um quarto espelhado: são muitas faces (reflexos) de uma mesma (você). Como será visto ao longo do trabalho, a mesma está presente em nossas vidas de diversas formas: desde a leitura imagética (pintura, imagens, etc) até a de escritos (livros, jornais, etc.), não deixando de passar pela situacional (momentos, pessoas, etc.).

Assim, na presente pesquisa, tem-se como objeto central a leitura de escritos, partindo-se do pressuposto de que esta é de suma importância para o desenvolvimento humano, ao passo de que também está interligada com as suas outras diversas manifestações e formas.

Desta forma, o retrato que se tem da leitura dentro da história da humanidade é o de atividade de exímia importância e de diferentes expressões, em diversas esferas.

Desde os tempos antigos a humanidade se interessa pela leitura. O rei assírio Assurbanipal, no século VII a.C., por exemplo, organizou uma biblioteca de 22.000 tabuinhas de argila e outros textos e declarou: ‘Tive alegria na leitura de inscrições em pedra da época anterior ao dilúvio’.
(SIMÕES 2006, p.?)

Dado o excerto, infere-se que, inicialmente, nos primórdios das atividades civilizatórias humanas, a leitura de escritos era algo considerado de grande valor e, portanto, muito bem preservado e cultivado entre os líderes de diferentes povos.

Também, de acordo com Bakhtin, “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (1986, p. 113). Assim, a palavra é aquilo que nos une, conecta. Seja ela escrita, falada ou vista, sempre esteve dentro de nossas vidas, assim como a própria leitura, que é seu derivado.

Essa palavra, tão importante mas também, hodiernamente, tão esquecida por nós, deve surgir em nossas vidas aos poucos, desde a tenra infância, fundindo-se com nosso entendimento sensorial e motor, tornando-se a palavramundo, que tanto defendeu Paulo Freire, moldando nossas relações humanas e para com o mundo ao nosso redor.

Freire, grandioso nome na Pedagogia, defendia uma educação libertadora e eficaz, à medida que esta proporciona o pensamento crítico e a apropriação do saber. E tudo isso demanda, evidentemente, a leitura tradicional, mas também a leitura de mundo, de pessoas, de

ideias. E é aqui que se nota que a leitura é uma poderosa ponte entre o ser e mundo, entre a coisa e a ideia, e que é capaz de nos alçar a grandes voos.

“A leitura do mundo precede a da palavra escrita”, como o mesmo já há muito afirmou. Assim, o ato de ler está intrinsecamente ligado a nós seres humanos – por envolver a leitura de mundo – e por sua exímia importância, deve ser desenvolvido e incentivado, principalmente aos mais jovens, suas amplas e diversas esferas – seja a leitura literária ou não –, para o desenvolvimento humano sociocultural. Mas infelizmente, cada vez mais, esse entendimento de que a leitura é algo fluido e pulsante em nossas vidas, está se perdendo.

Logo, o objeto de pesquisa do presente trabalho é, como já bem sabido, a leitura, – principalmente das palavras escritas, mas também das palavras vistas e vividas – na medida em que se pretende investigar como a mesma surge ou ausenta-se na vida dos jovens brasileiros em diferentes contextos. Mas, para tal, faz-se necessário explicitar – o que será feito mais a frente – algumas das mais variadas definições e entendimentos acerca do que é a leitura, para bem projetá-la.

Ainda, segundo autores como Chartier e Goulemot, a leitura, em seus mais amplos sentidos, é uma atividade que envolve principalmente a cognição humana, mais até do que a capacidade de decodificar símbolos textuais, – que é o que a alfabetização tradicional proporciona – pois é o próprio leitor que irá dar significado àquilo que lê. “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias” (Chartier 1998 p.77).

Em outras palavras, o sujeito leitor não irá apenas absorver um sentido inato explicitado pelo autor, – por exemplo – mas irá, para além disso, encontrar sozinho – guiado pelo próprio objeto de leitura – seus próprios significados.

Daí a excelsa e pungente importância do ato de ler: é libertador e revolucionário, é ferramenta poderosa no desenvolvimento de mentes críticas e afiadas.

4.1 Revisão Bibliográfica da História da Leitura

Em tempos mais longínquos, quando a tecnologia não era tão presente no dia a dia, – ao menos, não da maneira que a conhecemos hoje – existia um fascínio, certo misticismo e mesmo “assombro” (com aquilo que ainda era tão novo) – como defenderia Platão – para com a leitura.

A mesma, apesar de ter sofrido limitações de diversos tipos em diversas épocas e contextos, estava presente na vida de muitos, assim como no imaginário popular, nas pinturas, histórias, entre outros, como se pode exemplificar no excerto da obra de Manguel, abaixo.

Com uma das mãos pendendo ao lado do corpo e a outra apoiando a cabeça, o jovem Aristóteles lê languidamente um pergaminho desdobrado no seu colo, sentado numa cadeira almofadada, com os pés confortavelmente cruzados. Segurando um par de óculos sobre o nariz ossudo, um Virgílio de turbante e barba vira as páginas de um volume rubricado, num retrato pintado quinze séculos depois da morte do poeta.[...] A caminho da escola de medicina, dois estudantes islâmicos do século XII param para consultar uma passagem num dos livros que carregam. Apontando a página da direita do livro que traz aberto no colo, o Menino Jesus explica sua leitura para os anciãos no templo, enquanto eles, espantados, não convencidos, viram inútilmente as páginas de seus respectivos tomos em busca de uma refutação. [...] Usando seus talentos de ator, Charles Dickens segura um exemplar de um de seus romances, do qual irá ler um trecho para um público que o adora. [...] Cego, Jorge Luis Borges aperta os olhos para melhor escutar as palavras de um leitor que não se vê. [...] Todos esses são leitores, e seus gestos, sua arte, o prazer, a responsabilidade e o poder que derivam da leitura [...] (MANGUEL 2004, p.7 e 8)

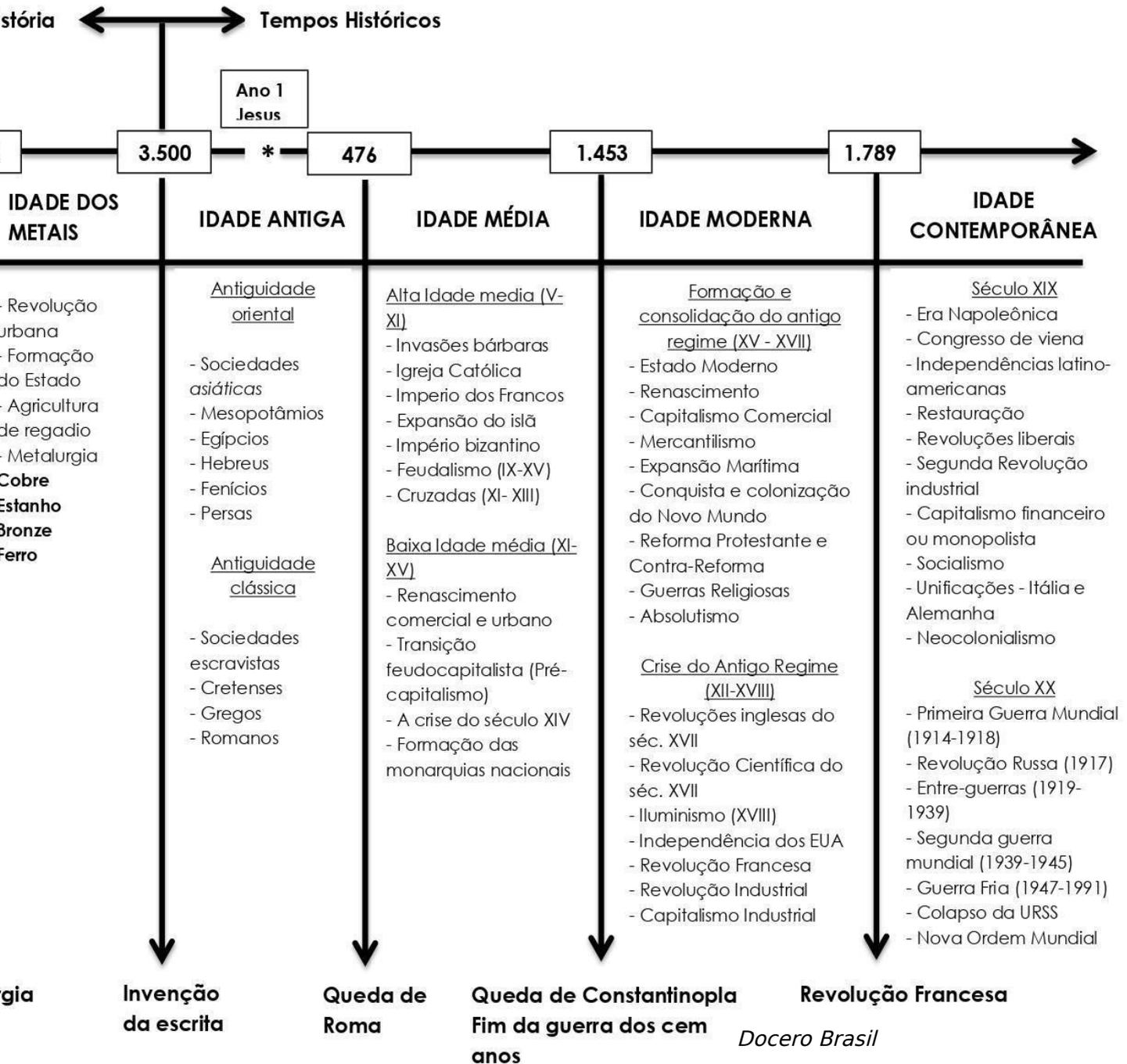
É com esse resgate de imagens, quase oníricas, que permeiam a história da humanidade, que Manguel nos mostra, neste belo retrato, que a leitura sempre foi um ato revolucionário e excelso que faz parte da própria constituição humana, na medida em que somos seres pensantes, dotados de um extraordinário poder cognitivo. O ato de ler é retratado como sendo base importantíssima do curso da história da humanidade, pois sempre foi uma ponte entre o ser e o saber.

“Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.” (MANGUEL 1997, p.20) Assim, de maneira mais direta, é possível vislumbrar a sua importância primordial dentro de nossas vidas.

Seja através da religião, da política, das ciências ou das artes, é fato: a leitura está sempre muito bem fincada no construto da história de nossas vidas e, portanto, foi durante séculos considerada uma atividade nobre e valorosa, apesar de muitas vezes, por isso mesmo, ser restrita e elitizada.

Ao longo das décadas, e mesmo séculos, diferentes autores e pesquisadores ligados direta ou indiretamente com a temática da leitura, trouxeram em seus estudos, diferentes definições e conceitos sobre o ato de ler. Cada uma delas, reflete os pensamentos, entendimentos e a própria relação da sociedade de cada época com e sobre a leitura.

E para adentrar na história da leitura e dos entendimentos teóricos da mesma, é preciso



- Idade Antiga

Inicialmente compreendida como uma atividade intelectual mecânica, de tradução, compreensão e decodificação de conjuntos de sinais linguísticos, a leitura era, em seus primórdios, durante a idade antiga, uma atividade técnica específica que apenas os mais competentes e ligados aos governos podiam dominar.

Quando se trata da antiguidade oriental, estamos falando de uma época onde existia, em grande número e em diversas sociedades, o trabalho escravo, o politeísmo e a predominância quase que total do analfabetismo, mesmo que já existissem diferentes tipos de escritas e alfabetos. A leitura era então vista como uma atividade bastante técnica e de difícil exercício.

É importante pontuar que dentro desse contexto, leitura e escrita andam juntas e são verdadeiros encantamentos aos olhos e ouvidos de quem as apreende: eram novidades naquele tempo, poderosas ferramentas de aprendizado, comunicação, exercício e manutenção de poder, dentre outras aplicabilidades.

[...] todas aquelas sociedades atribuíram a guarda da nova técnica [a escrita] a um grupo restrito de iniciados, em geral, religiosos. Isso se explica pelo caráter mágico ou divino atribuído à escrita e ao fato de que as manifestações religiosas confundiam-se com o poder político – ou estavam a serviço dele.
(NUNES, 2007)

Na Mesopotâmia, lia-se a escrita cuneiforme dos Sumérios; no Egito, os hieróglifos. As temáticas escritas eram quase sempre voltadas para assuntos oficiais dos governos ou com a religião, como: registro de leis, de dados sobre o clima e a cultura, dentre outros. A leitura então era exercida praticamente em sua totalidade pelos altos governantes e sacerdotes, sendo considerada um exercício mental e técnico de enorme valor, que em conjunto com a escrita era considerado, como exemplificado no excerto acima, algo praticamente mágico.

Desta forma, escrita e leitura andaram juntas desde muito, e a prova está no fato de que, nesse contexto, na maioria dos casos, quem dominava a escrita, por consequência também dominava a leitura, e era considerado um cidadão de altíssima categoria, inserido portanto nos mais altos e nobres cargos sociais existentes.

Apesar disso, o inverso nem sempre ocorria, pois muitos líderes dos governos liam muito bem, mas não sabiam escrever, fazendo assim com que a profissão de escriba, por exemplo, surgisse e perdurasse por muito tempo, sendo atividade essencial em muitas civilizações.

Tal detalhe na história nos mostra como o ato de ler, apesar de estar comumente ligado

a escrita e a atividades intelectuais acadêmicas, é um saber único e diferenciado de qualquer outro, podendo ser adquirido através de diferentes formas, que inclusive serão mais bem destrinchadas no decorrer do trabalho.

Mas, por outro lado, quando se trata da antiguidade clássica, é bem sabido que as atividades leitoras acadêmicas predominavam e fizeram surgir grandes nomes nas ciências. Estamos falando, por exemplo, de Grécia e Roma, de onde surgiram nomes como Pitágoras e Cícero, que precisavam da leitura e dos escritos para compartilharem e desenvolverem suas ideias – muitas das quais mudaram os rumos da história da humanidade.

Um desses grandes nomes foi Sócrates, Ateniense que devido à cultura de seu tempo, era muito mais afeito aos diálogos e à cultura oral do que da escrita e registros tradicionais do saber. Assim, ele próprio não deixou nada por escrito mas, seu fiel discípulo, Platão, sim. Ao registrar os ensinamentos de seu mestre, bem como os seus próprios, Platão promovia uma enorme benesse ao desenvolvimento da história do pensamento crítico filosófico: registrava a evolução do pensamento filosófico humano.

Mas, o que seria das teorias e estudos de Sócrates e Platão se não fossem feitos esses registros – devido a época – escritos? E o que seria da nossa sociedade ocidental se não houvesse a possibilidade da leitura desses registros? Aí encontra-se um dos inumeráveis motivos para atribuir importância à leitura: o da contribuição para a construção e compartilhamento de saberes.

Tanto é, que apesar da idade antiga ter suas limitações em termos de desenvolvimento de tecnologias e comunicação, foi dentro deste período que a primeira biblioteca pública foi criada por Pisístrato, em Atenas, nos mostrando inclusive o quão antigos e importantes são os espaços das bibliotecas, hoje em dia tão reduzidas e pulverizadas. Dentro daquele contexto, uma biblioteca era um espaço raro e bastante especial, grande polo cultural onde uma das atividades mais comuns, evidentemente, era a leitura.

Lia-se em voz alta pois, como já afirmado anteriormente, nem todos dominavam a leitura ou a escrita. Assim, geralmente havia um orador que lia em alto e bom som para várias pessoas, compartilhando os conhecimentos presentes nos escritos.

Todavia é importante destacar que a criação de bibliotecas públicas foi um importante marco inicial para que se desenvolvesse uma leitura silenciosa e “mental”, que não a oralizada. Mas, apesar disto, e da criação de escolas e academias no período clássico, ainda sim, tal prática ainda permeou a cronologia histórica por um longo período.

Ainda, surge entre alguns nobres e/ou sábios da época, a ideia errônea de que era de tremenda importância a acumulação de livros (ou melhor dizendo, de rolos de pergaminhos –

que estarão mais bem descritos nos tópicos posteriores).

A intenção não era, de modo algum, ler, estudar, produzir ou disseminar aqueles materiais, mas sim acumulá-los como se fossem peças de uma coleção, objetos de ostentação e decoração. Esse entendimento foi e ainda é bastante criticado em diferentes contextos.

A acumulação de conhecimento não é conhecimento. O poeta gaulês Décimo Magno Ausônio, vários séculos depois [após o século I d.C], ridicularizou a confusão entre essas duas coisas em seus *Opúsculos*

Compraste livros e enchentes estantes, oh Amante das Musas.
Significa isso que és um erudito agora?
Se compares instrumentos de corda, plectro e lira hoje,
Julgas que amanhã o reino da música será teu?
(MANGUEL 1997, p.218)

Tal visão, de objetificação e ostentação do conhecimento, nos mostra que o valor que era dado ao saber ainda era – por muitos – algo de cunho material, pois o valor estava no próprio objeto, o suporte (que ganhará, ao longo da história, diversos formatos), e não necessariamente no seu conteúdo. Ainda sim, sabidas as existentes e diversas dificuldades de comunicação e desenvolvimento científico da época, por exemplo, diferentemente dos dias superconectados atuais, era reconhecida a atividade intelectual como sendo de demasiado valor, – mesmo que, na verdade, muitas vezes não passasse de ostensiva acumulação de materiais.

Essa concepção da objetificação do saber será vista ainda na idade média e, na verdade, deixará resquícios até mesmo nos dias de hoje, o que será retomado mais à frente no decorrer do trabalho.

- Idade Média

Chegando ao período da idade média, entre os séculos V e XI d.C., a leitura que ainda era uma atividade concentrada em certos grupos sociais dominantes, ganha um novo significado: o de conexão com Deus. A leitura das sagradas escrituras católicas, a exemplo, era algo divino e especial, atividade reservada ao Clero e a camada mais alta da sociedade, sendo filtrada e repassada, com certa dificuldade (devido ao alto índice de analfabetismo na Europa, dentro deste recorte), às camadas sociais mais baixas.

Neste cenário, a leitura religiosa era uma ferramenta para manutenção do poder eclesiástico católico, tendo sido bastante usada nas catequizações de povos nativos ao redor do mundo, como foi no Brasil. Mesmo através de imagens e símbolos, ali havia uma prática leitora, a de imagens e símbolos, mas não permitia uma construção de significados, pois esses eram apenas repassados e reproduzidos aos catequizandos. No próximo tópico, o recorte Brasileiro será melhor aprofundado.

Outrossim, devido a ainda presente escassez de livros e de tipos literários – nesse caso, muito ainda devido a falta de uma automação na fabricação e cópia de exemplares – a leitura tinha um ar de raridade, de superioridade, ao passo que nem todos eram alfabetizados ou tinham poder aquisitivo para adquirir livros. Em consequência, o objeto livro era tido como especial e sinal inclusive da riqueza de seu proprietário.

A falta de automação na cópia e repasse de livros fez com que durante séculos, a profissão de copista perdurasse carregando grande valor. Os monges copistas dos tempos medievos são hoje vistos como um símbolo dessa época, onde ler era uma atividade ainda rara em certas camadas sociais, permeada pela fé.

Aqui se faz necessário tratar do período da idade média, seccionando-o em dois, como muitos estudiosos dentro da área da história o fazem, para melhor entendermos a sequência de desencadeamento de ideias.

Do séc. V ao séc. XII, tem-se o período chamado de monástico que, como o próprio nome já explicita, possui uma predominância de mosteiros que, em largo número, são o epicentro da atividade intelectual da época, construindo (literalmente) um enorme muro entre a leitura e o resto da população não-clériga.

Em se tratando de bibliotecas, aquelas existentes eram, inicialmente:

[...] abertas aos padres locais ou viajantes para consulta dos tratados teológicos, embora sua principal função fosse a conservação dos documentos. Os textos eram produzidos na biblioteca papal e cópias eram enviadas aos mosteiros e igrejas, para a formação dos novos clérigos e orientações para a liturgia. (SIMÕES 2006, p.?)

Tais bibliotecas, eram os únicos lugares onde se tinha a prática leitora tradicional – de livros ou, melhor dizendo, códices, que serão melhor explorados nos tópicos seguintes – tendo em vista que mesmo a bíblia não era lida ou mesmo possuída pela maioria dos cristãos europeus, dentro desse recorte.

Ainda segundo Simões, as bibliotecas cristãs da época, tão isoladas e restritas, contribuíram fortemente para uma mudança importante na prática da leitura pois, ao passo que as bibliotecas da antiguidade guardavam textos que seriam lidos em público, a biblioteca monástica trouxe a prática leitora para dentro de suas próprias dependências, favorecendo a leitura silenciosa e individual, o que representou uma das mais importantes mudanças paradigmáticas na prática leitora. (SIMÕES 2006, p.?)

Desta forma, configurava-se um tempo no qual as bibliotecas eram praticamente instituições de guarda de obras, pois o conhecimento não era largamente disseminado. Ainda não havia sido formada a visão da biblioteca e da leitura como ferramentas para o exercício da cidadania, e sim para o conhecimento e exercício dos dogmas católicos, bem como a proteção e manutenção da hegemonia clériga-real. Dada a inacessibilidade existente, de certa forma, a leitura ainda tinha lá seus ares de superioridade e misticismo.

Ainda, para além das pedregosas paredes dos mosteiros, havia aqueles que eram os laboriosos servos de Deus, os monges copistas, que detinham um acesso mais amplo às práticas leitoras e ao livro propriamente dito, e assim também, foram importantes peças para a preservação histórica, através das atividades de cópias e guarda de livros.

Ao final do século V, o que restava dos escombros do Império Romano era uma multidão dispersa de povos, então chamados de bárbaros, e alguns fragmentos da cultura clássica, que só não desapareceram devido aos esforços dos monges copistas e dos grandes pensadores cristãos em Alexandria, Grécia e Roma. (SANTOS)

Eram esses tais copistas, homens devidamente alfabetizados e catequizados, que trabalhavam em rigorosa rotina pela fé, nos *scriptoria* ou escritórios – copiando livros, fazendo iluminuras, dentre outras atividades voltadas para a fabricação de livros e manuscritos em geral.

Toda a rotina técnica e rigorosa de produção de livros era também manual e muito demorada, sendo por conseguinte, muito cara – portanto, eram geralmente atendidas as demandas de encomendas de nobres. Assim, a posse de um livro era sinônimo de status social elevado e de grande sabedoria daquele ou daquela que o possuísse.

Muitas vezes, não era a própria leitura do material que importava, e sim a posse do

objeto, a sua forma tão rica e bem trabalhada – com iluminuras que poderiam ser até mesmo de ouro – que transmitia em conjunto a ideia do saber e do poder. Era essa a, ainda remanescente, ideia da objetificação do saber que, como já visto, surge na idade antiga tornando a leitura uma atividade elitizada.

Seguindo na nossa cronologia, é chegado o período escolástico também chamado de laico, em que surgem as primeiras universidades. A segunda nomenclatura, como se deve imaginar, refere-se ao fato de que a leitura e a posse do saber são agora também acessíveis aos chamados leigos – aqueles que não pertencem a nenhuma ordem cristã. E, de fato, a leitura agora era muito mais disseminada e acessível apesar, claro, de ainda haverem certas limitações que serão abordadas.

Apesar de não se ter uma data precisa de quando iniciou-se tal período, os registros históricos nos mostram que ele vem de meados do séc. XII, onde o surgimento das universidades – em conjunto com a gradual popularização (acessível) do ensino religioso pelas ordens clérigas e a ocorrência das sangrentas Cruzadas – ampliou a visão de mundo de muitos, mesmo que de maneira diminuta, fazendo com que a leitura fosse vista sob outra ótica que não a religiosa. Tudo isso acarretou em uma forte disseminação da prática leitora.

As universidades passaram então a ser polos culturais e de prática corrente da leitura, à medida que promoviam uma maior alfabetização e escolarização do povo, chegando a superar os mosteiros. Tal mudança findou por descentralizar, mesmo que em não tão larga escala, a hegemonia e a imposição engessada da leitura clerical. O excerto abaixo inserido, de autoria de Simões, nos esclarece melhor o que foi tal período:

A fragilização do poder dos mosteiros, o crescimento das cidades e o movimento comunal deslocaram a atividade educacional cada vez mais para as universidades. O aumento do número de estudantes, e também a percepção do texto escrito como uma extensão da memória e repositório de informações, e não apenas como registro do discurso sonoro, aumentou a demanda por livros. Os estudantes passaram a ter a necessidade de ter seus próprios livros, quer comprados, quer copiados por eles mesmos. O livro deixa de ser propriedade exclusiva dos mosteiros e passa a se tornar um produto urbano e laico, concomitantemente com o nascimento da classe burguesa.

Essa relativa popularização da prática da leitura ocorre simultaneamente a, e também por conta de, uma mudança radical da própria concepção do ato de ler, verificada na transição do período monástico para o escolástico.
(SIMÕES 2006, p.?)

Diferente do que se pensa, havia no ambiente católico uma divergência muito viva em questões teológicas. Foi esse espírito do debate que acabou dando origem à corrente de atividades intelectuais, artísticas e filosóficas a que se convencionou chamar de Escolástica

(do latim *schola*) (SANTOS). Assim, a prática leitora era mais viva e presente nas universidades, devido às práticas pedagógicas existentes, que incentivavam e valorizavam o aprendizado através da leitura.

Tal valorização foi de suma importância para o desenvolvimento histórico da própria prática de leitura, dentro das sociedades humanas. Mas, por outro lado, vale salientar que ela ocorria devido ao ainda escasso entendimento sobre as distintas maneiras de promover o processo de aprendizado, de maneira democrática – o que evidencia os praticamente inexistentes estudos pedagógicos da época.

“Na escolástica, há a tomada de consciência do ato de ler como o traço distintivo do ensino, [...] ‘[...] toda a pedagogia medieval baseia-se na leitura de textos, e a escolástica universitária institucionaliza e aplica este trabalho’ (Chenu 1950, p. 51)” (MARTINES). E nessa tomada de consciência, os códices passam então a serem muito mais disseminados e acessíveis, para inclusive facilitar as próprias aulas, em contexto mais objetivo.

Desta forma, os códices deixam de ter apenas uma diminuta finalidade – a espiritual – e passam a ter um outro fim mais prático, de alimento da mente, de maneira que estes precisavam ser mais facilmente manuseáveis para satisfazer o uso frequente. Portanto, em um reflexo mais palpável, seu tamanho, bem como o de suas letras, passa a ser, gradualmente, menor.

Finalmente, pode-se dizer que o período escolástico foi de tremenda importância, não apenas dentro da história geral, mas também para a história da leitura, à medida que promoveu uma visão mais ampliada do ato de ler, inserindo nela o objetivo de conhecer para debater.

- Idade Moderna

Chegando à idade moderna, pode-se dizer que a leitura, em termos quantitativos, aumentou consideravelmente, devido principalmente a automação no processo de fabricação e cópia de livros, através da invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg, o que é considerado um grandioso marco para a indústria de livros e textos, uma verdadeira revolução que, dentro do nosso recorte, marca o período de transição entre a idade média e a moderna.

Em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita. O custo do livro diminuiu, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem, muito modesta aliás, entre mil e mil e quinhentos exemplares. Analogamente, o tempo de reprodução do texto é reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica.
(CHARTIER 1998, p.7)

A prensa móvel consistia em um dispositivo que “imprimia” letras (ou “tipos”), geralmente em papel, através da pressão, como se fosse um grande carimbo. Ao longo do tempo, o maquinário foi se aperfeiçoando para a impressão em larga escala e de imagens, inclusive em tecidos, de mapas, diagramas, dentre outros. Assim, as antigas técnicas de xilogravura, criada na Idade Média, e a litografia, do séc. XIX, eram utilizadas, ainda que indiretamente.

As consequências da revolucionária invenção são várias, mas principalmente, claro, voltadas para a disseminação e desenvolvimento da leitura em suas diferentes práticas, através do desenvolvimento da indústria editorial, o que vão impactar no âmbito da educação e do mercado, como afirma Nunes:

A fabricação de livros em série gera duas consequências praticamente imediatas: acaba com a restrição representada pela pequena quantidade de livros disponíveis para as atividades de ensino, cultivo do espírito, divulgação de conhecimentos e fruição, e demanda a formação de um mercado consumidor.
(NUNES 2007, p. 160-161)

Em outro ângulo, ainda tratando-se da idade moderna, é preciso balizá-la dentro de dois grandes momentos históricos que a marcaram e definiram fortemente: o período do Renascimento e o do Iluminismo. Mais uma vez, a história dessa dá as mãos às historiografias sócio-culturais e mesmo artísticas da humanidade, de maneira que uma permeia a outra.

O Renascimento foi um momento ímpar para a expressão artística e cultural humana, à medida que retomava – ainda que com filtros panglossianos – os ideários culturais, artísticos e sociais da antiguidade clássica, o que evidentemente repercutiu também na atividade leitora.

Assim, durante o período da renascença, os livros ganham cada vez mais o dia a dia das pessoas, especificamente entre os europeus. Mesmo que a passos curtos, a sociedade aproxima-se dos escritos na medida em que se dá sua popularização e acessibilidade, através do rápido crescimento do mercado editorial, permitido graças a nova prensa tipográfica de Gutenberg.

Desta forma, no âmbito cultural, a retomada das temáticas clássicas também se dá dentro da literatura, como se constata:

A leitura, realizada agora na biblioteca, é descrita como um encontro solene com grandes autores, com os quais temas de muito maior profundidade serão debatidos. É certo que agora não são utilizadas as práticas edições de bolso, já em voga na época. Nos gabinetes de leitura dos intelectuais da Renascença encontravam-se os grandes in-folios. Mas a atitude, o estado de espírito, do leitor é que ganha destaque na descrição. A busca não é por distração, mas por instrução, provavelmente de Cícero, Plutarco, Lívio e Tácito.
(SIMÕES 2006, p.?)

Havia então uma forte busca pela grandiosidade do período antigo, um resgate da saudosa lembrança dos grandes nomes que originaram a filosofia, sociologia, dentre outras áreas do conhecimento, configurando-se um “período metonímico”, onde comumente falava-se no autor para referenciar-se a sua obra, tamanho era o fascínio pelo mesmo. Seja na arte ou no meio acadêmico, o esforço pelo resgate do saber clássico era constante.

Assim, apesar da existência do leitor que buscava prazer nos livros, ou “ [...] reflexo de seus próprios amores, muito mais para o devaneio do que para o pensamento [...]” (SIMÕES 2006, p.?), havia maior predominância naquele sujeito leitor do tipo acadêmico, que buscava instrução e ampliação de seus conhecimentos através do resgate dos clássicos.

Dentro desse contexto, é interessante pontuar como exemplo a França do séc. XVII, onde a popularização dos livros se dava pelo surgimento e rápida adesão de edições mais populares e de fácil acesso, de livros que poderiam ser simples romances até os clássicos. Eram essas as edições da chamada *bibliothèque bleue* que trazia a leitura para mais perto da população em geral, como se constata no excerto abaixo, retirado da introdução de Alcir Pécora ao livro *Práticas da Leitura*, de Roger Chartier.

O exemplo mais interessante aqui, referido por vários artigos, é o da ‘Biblioteca Azul’, série editada em Troyes [cidade francesa], ao longo do século XVII, que reunia textos bem diferentes entre si, não exclusivamente populares, mas todos uniformizados em edições que pretendiam baratear ao máximo seu custo e alcançar o maior número possível de leitores. Os procedimentos que demarcavam esse objetivo, vale dizer, que pretendiam facilitar o acesso de um leitor que se pretendia comum, operavam o texto de sorte a aumentar o número de capítulos, diminuir o

tamanho dos parágrafos, abreviar ou cortar certas passagens e, no caso de textos mais antigos, modernizar a ortografia. O curioso é que, muitas vezes, isso se fazia à custa do comprometimento do próprio sentido básico do texto, o que parece indicar que, pelo menos em relação a tais leitores, a articulação dos conteúdos nem sempre tem o primeiro papel no interesse prático da leitura.
(CHARTIER 2011, p.11)

Eram esses, livros voltados para um público menos exigente e menos letrado, em grande parte, a população proletária-média que buscava ler por prazer, para passar o tempo, para “aventurar-se” através das páginas dos livros.

Mas, como visto, tais edições que buscavam ser acessíveis – tanto na prática leitora quanto no valor – acabavam costumeiramente por modificar o sentido intrínseco dos textos, o que era bastante prejudicial se a intenção fosse compreender a fundo e na íntegra o que pretendia o autor. Na contemporaneidade, tal prática de barateamento de livros em compilados seriados ainda existe, e na verdade evoluiu para até mesmo adaptações em quadrinhos de alguns clássicos. Mas, as falhas e lacunas de sentido são veementemente evitadas.

Em contrapartida, como em toda época, havia um grupo mais letrado e de gosto mais especializado dentro da cultura leitora, que inclusive desdenhava do movimento da *bibliothèque bleue*: era a classe burguesa mais alta, que se reunia em cafés e clubes e de leitura para ler o que consideravam ser mais importante, clássico e refinado no universo dos livros.

Eram aqueles que, por vezes, tinham sua própria biblioteca – mesmo que pequena – em casa, sendo objeto de desejo e sinônimo de valor intelectual. Aqui, mais uma vez, o antigo costume de ter livros como objetos de ostentação, perdura com suas diferentes nuances e intensidades.

Desta forma, os leitores do renascimento, em suas diferenças socioeconômicas características, construíram as práticas de leitura de seu tempo, ao passo que preservam o costume histórico-humano do próprio ato de ler.

Seguindo na cronologia proposta no trabalho, a próxima grande fase histórica a ser tratada será a do Iluminismo, ou período das luzes, que segundo historiografia especializada, inicia-se por volta do ano de 1685 e permanece até meados de 1815. A nomenclatura do período nos remete, ainda que indiretamente, ao fato de que essa foi uma época onde a razão iluminava o povo.

Isto posto, o período do Iluminismo, de meados do séc. XVIII, foi marcante para a concepção da leitura como ferramenta construtora de saberes e de desenvolvimento de ideias,

à medida que a leitura de livros era vista como atividade mais que essencial para o alimento da mente e exercício da cidadania (ainda que tal conceito ainda não fosse tão bem definido na época).

Os homens do século XVIII viam a circulação do escrito como a própria condição do progresso das Luzes. Graças a ela, todos estão em igualdade para julgar as instituições e opiniões e submeter à discussão comum suas próprias idéias. Um novo espaço crítico e político nasce desse exercício público da razão pelas pessoas privadas. A comunicação à distância, livre e imediata, propiciada pelas redes eletrônicas, dá um novo alento a este sonho, em que toda a humanidade participaria do intercâmbio dos julgamentos.
(CHARTIER 1998, p.133)

Segundo o trecho selecionado, da obra de Chartier, é possível vislumbrar a nova ótica que a leitura assume a partir dessa época: a do saber e do fazer político, dos debates, da formação do cidadão através da razão. A leitura era então considerada atividade essencial para o alcance da razão e do saber, para o entendimento e exercício político.

Reflexo visível dessa sociedade que se moldava na razão, é o fenômeno dos *book clubs* (clubes do livro, ou de leitura), na Inglaterra, que eram inclusive regulamentados e definidos como espaços sérios e importantes, nos quais não era permitido, por exemplo, ingerir bebidas alcoólicas. Era essa, parte das chamadas sociedades de leitura, que incluíam também países como a França e a Alemanha.

Outro reflexo ainda mais palpável – literalmente – desse desenvolvimento de uma sociedade leitora, é a enciclopédia, que surge na época das Luzes em sua primeira edição, moldada quase como um dicionário de artes e ciências em geral, com o objetivo claro de disseminação dos saberes. Essa que hoje é um grande clássico em estado obsoleto – devido em grande parte ao advento da internet – na época foi uma enorme novidade, tanto que até meados dos anos 90, eram ainda bastante requisitadas e caras aqui no Brasil, praticamente artigos de luxo para os filhos dos mais abastados em idade escolar.

Inclusive, durante esse período, é notável por toda a Europa a preferência geral por obras como as de viagens e história natural, como nos afirma Robert Darnton em seu artigo *História da Leitura* de 1986, publicado no livro *A Escrita da História*, sob organização de Peter Burke.

Os gêneros mais novos, como os livros classificados sob a rubrica de “ciências e artes”, prevaleceram após 1750 [...]. As novelas, os livros de viagem e as obras sobre história natural tenderam a tomar o lugar dos clássicos nas bibliotecas dos nobres e dos burgueses ricos. Todos os estudos apontam para uma queda significativa na literatura religiosa, durante o século dezoito.
(BURKE 1992, p. 206-207)

Assim, o processo de democratização das temáticas em livros e textos em geral, bem como da própria popularização do ato de ler – que vem desde o período escolástico da Idade Média, com a gradual redução da posse da igreja católica sobre os costumes sociais e o próprio pensamento da época em geral – consolida-se cada vez mais.

- Idade Contemporânea

Chegamos à idade contemporânea, na qual a leitura é muito mais disseminada e cultivada, principalmente entre os séculos XIX e XX, sendo o último marcado pelas grandes guerras mundiais. Nesse contexto, é notável as diversas transformações e adventos, como o da internet, que passam a ocorrer de maneira cada vez mais rápida, acarretando grandes mudanças em diversos níveis sociais. E é com a questionadora citação abaixo – retirada do artigo de 2016, de Furtado – que continua-se a escrita no presente tópico.

Para uma pré-adolescente de família modesta, no Recife do século XX, as únicas alternativas honestas para ter o livro nas mãos eram a biblioteca pública ou o empréstimo. Se, pois, a leitura é uma prática social, como seria, na sociedade contemporânea, a relação com o livro e, mais especificamente, com os modos de ler? (FURTADO 2016, p.88)

Se por um lado, os avanços tecnológicos e científicos eram tamanhos – regidos pelo pensamento positivista da época – e benéficos, também trouxeram à tona, de maneira direta e indireta, certas preocupações e discussões. A exemplo, no início do século XIX, passou-se a questionar mais algumas temáticas como a do iletramento, ou semi, entre os jovens, como retratado por Chartier no excerto abaixo.

O debate na França, que tem seus equivalentes em outras sociedades europeias ocidentais e nos Estados Unidos, foi provocado há uma dezena de anos pelo “iletrismo” dos jovens, medido por ocasião dos testes de incorporação ao exército. Doze e meio por cento dos jovens eram considerados iletrados. Quando se olhava a composição desses 12,5%, via-se que menos de um por cento estava totalmente fora da cultura escrita, não conseguindo ler nem escrever. Mas os outros, isto é, onze e meio por cento, eram considerados iletrados porque, para ler, eram obrigados a oralizar e só conseguiam escrever foneticamente. (CHARTIER 1998, p.100)

Aqui é possível notar os resquícios da ainda presente cultura da leitura através da oralização, em voz alta, advinda dos antigos e primeiros costumes da leitura de escritos na idade antiga. O costume não é de todo maléfico, tendo em vista que permitia se ter uma noção basilar da língua escrita, tornando os jovens em questão não totalmente analfabetos, mas semi – o que não deixa de ser preocupante.

Foi este, de modo geral, um período de antagonismos: se, por um lado, crescia o mercado editorial e as práticas leitoras dentro de uma sociedade semi letrada mas culturalmente ativa, por outro, ainda era considerável o número de iletrados e, de modo geral, faltava certa pedagogia que tornasse a leitura algo um pouco mais “palpável” e sério.

Também, segundo Michel de Certeau, em meados da década de 60, já era visível uma

desigualdade sociocultural entre os franceses: segundo ele, os fundos públicos investidos na criação e no desenvolvimento de focos culturais, na verdade, reforçavam a desigualdade cultural, tendo em vista que seu acesso era sempre por parte dos mais ricos. A massa quase não circulava pelos “jardins da arte”. (CERTEAU 2012, p. 236)

Mas, afinal, toda época tem seus defeitos e positivities. É preciso também lembrar da grande invenção de Gutenberg – que foi um dos fatores que facilitou o acesso à leitura à sociedade da idade moderna, refletindo-se também na idade contemporânea como um todo. Sua prensa tipográfica, dos tipos (letras) móveis, ao acelerar a fabricação e cópia de livros e textos, barateando-os, democratizava o acesso aos mesmos.

Isto posto, o ato de ler espalhava-se, concretizando-se – literalmente – na forma de bibliotecas públicas e livrarias, cada vez mais populares. Esses ambientes, já existentes no século anterior, tornavam-se cada vez mais presentes nas paisagens urbanas, bem como na própria vida das pessoas. A existência de tais locais era necessária pois, não bastava apenas haver uma máquina capaz de “multiplicar” livros para que se nutrisse uma cultura leitora.

Assim, aqui gostaria de referenciar um texto de George Orwell, autor de clássicos literários de caráter temático político, mas que também escreveu alguns textos de temáticas avulsas, como “Memórias da Livraria”, de 1936, onde conta, de maneira casual e até cômica, um pouco de sua experiência trabalhando como ajudante de meio período numa loja de livros de segunda mão, em Londres – provavelmente no início da década de 30.

O autor nos conta em poucas páginas sobre como o enorme e ativo público da livraria acabava por não ser tão culto como se imagina hoje em dia e, muitas vezes, até permeado por furtos e outros infortúnios. “Nossa loja tinha um estoque excepcionalmente interessante, e ainda assim duvido que dez por cento de nossos clientes conseguiam distinguir um livro bom de um ruim. Esnobes de primeira edição eram muito mais comuns do que amantes de literatura [...]” (ORWELL, 1936, p.27).

Ao final de todo o seu relato, Orwell finda nos dizendo por que jamais trabalharia, de fato, como um livreiro profissional: perdera o seu amor pelos livros. De tanto trabalhar pesado, limpando e organizando incontáveis volumes, lidando com um público nem sempre muito agradável, tendo que inclusive viajar para negociar obras, acabou por enfadar-se daqueles que tanto amava, os livros, e por conseguinte, da própria leitura.

A partir do momento que o autor enxerga os livros como laboriosos, parte de uma obrigação, perde o seu amor pelos mesmos, assim como acontece hoje no século XXI com muitos jovens que, ao estarem em níveis escolares um pouco mais altos e mais difíceis, sentem-se enfadados de tanto ler por obrigação, apenas para alcançarem boas notas, sem de

fato apaixonarem-se por aquilo que fazem.

Aqui notamos a importância do cultivo natural de uma cultura leitora, que tenha uma pedagogia voltada para o estímulo do prazer pelo ato e não do hábito do dever. O desenvolver de tal pensamento ressurgirá e será melhor explorado mais a frente no trabalho.

Assim, tendo todo o exposto, para uma visão mais sistemática dos diferentes tipos de entendimentos acerca do ato de ler, através dos tempos, logo abaixo, apresenta-se uma tabela – estruturada dentro de uma linha temporal – com diferentes concepções sobre o tema, de diferentes autores que direta ou indiretamente, embasam o trabalho.

Tabela temporal acerca das diferentes compreensões de leitura

<p>Certeau (1925 - 1986)</p>	<p><i>“O sentido é construído a partir da interação do texto escrito com a herança oral do sujeito. É a experiência e os contatos sociais que possibilitam a construção do sentido do texto”</i> (JÚNIOR 2013, p.9)</p>	<p><u>Leitura do “homem comum”:</u> leitura como atividade individual, particular; diferentes produções de sentido no mesmo escrito.</p>
<p>Darnton (1939 - atu.)</p>	<p><i>“[...] a leitura e a vida, a elaboração de textos e a compreensão da vida, estavam muito mais intimamente relacionadas no início do período moderno do que estão hoje.”</i> (BURKE 1992, p.202)</p>	<p><u>Leitura no Período Moderno:</u> - o ato da leitura fortemente relacionado com os cotidianos, as visões de mundo e histórias de vida dos cidadãos; - amor pela leitura.</p>
<p>Bamberger (1911 - 2007)</p>	<p><i>“[...] o ato de ler é sempre como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. O processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro; durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais.”</i> (BAMBERGER 1995, p.10)</p>	<p><u>Leitura para fins pedagógicos e em contexto acadêmico:</u> leitura como meio de aprendizagem; - ideia de hábito a ser desenvolvido.</p>
<p>Chartier (1945 - atu.)</p>	<p><i>“Roger Chartier propõe uma história da leitura que seja uma história dos diferentes modos de apropriação do escrito no tempo e no espaço - seja ele físico ou social - tomando-se por referência a ideia de que a leitura é uma prática criativa e inventiva</i></p>	<p><u>Leitura como fator histórico:</u> diferentes práticas leitoras que mudaram e foram moldadas pelas sociedades; - correlação entre leitura e história.</p>

	<i>(o sentido desejado pelo autor não se inscreve de maneira direta no leitor) resultante do encontro das maneiras de ler e dos protocolos de leitura inscritos no texto.”</i> (CHARTIER 2003, p. 11)	
Yunes (? - atu.)	<i>“Do mesmo modo como a escrita não suprimiu a oralidade, a cultura midiática não extinguiu a condição de leitor dos que interagem no magma secundário da oralidade que permanece intensa na cultura alfabetizada. Contudo está hoje, condicionada pelo reducionismo imposto à linguagem pelas ideologias próprias da mídia.”</i> (YUNES 2005, p. 53-54)	<u>Diferentes suportes e expressões para o ato de ler:</u> - leitura no século XXI; - multiplicidade e interconexão entre diferentes suportes e tipos de leitura.
Freire (1921 - 1977)	<i>“A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”</i> (FREIRE 1989, p.9)	<u>Leitura de mundo anterior a leitura de escritos:</u> - ampliação do conceito do ato de ler; - relação entre o texto e o contexto; - leitura crítica e libertadora.

Fonte: elaborada pela autora.

São notáveis as mudanças paradigmáticas que a leitura sofreu ao longo dos anos; seu significado e entendimento variam de acordo com o contexto histórico-cultural em que está inserida. Como afirma Chartier, a leitura é um fator histórico, à medida que diferentes práticas leitoras moldaram e são moldadas pelas sociedades. Portanto, como não poderia deixar de ser, os autores e pesquisadores também mudaram suas percepções.

Desta forma, tendo todo o exposto na seção até agora, pode-se mapear – ainda que de maneira geral – que o ato de ler passou de atividade “superior”, técnica, cognitiva e utilitarista (envolvida entre poder religioso e político) durante o período antigo, para atividade limitada, de conexão com Deus e manutenção do poder eclesiástico, durante a idade média, tornando-se após, período moderno, muito mais próximo dos cotidianos e da individualidade dos cidadãos durante o período moderno, através das bibliotecas públicas. Já no período contemporâneo, o que caracteriza as práticas leitoras é a multiplicidade de suportes e tipos de leitura que se tem à disposição.

4.2 Histórico Teórico da Leitura no Brasil

É com o sucinto excerto abaixo, que nos mostra o que foram os primórdios da leitura de escritos no Brasil, que inicia-se este tópico. Tomando de ponto de partida o fato de que o ato de ler consiste num processo – mental e linguístico – essencial e intrínseco ao ser humano, pode-se afirmar que a leitura – em sua definição mais abrangente – no Brasil, bem como no resto do mundo, não tem exatamente um ponto único e específico de partida. Mas, sendo o processo de colonização um fato marcante para nosso país, podemos tomá-lo como ponto norteador.

Como não poderia deixar de ser, o histórico do difícil acesso à leitura no Brasil, iniciou-se com o da educação no século XVI, quando da ocupação e/ou exploração do Brasil, chegaram aqui os Jesuítas à frente da Companhia de Jesus, imbuídos por, através das chamadas “missões”, inculcaram aos índios [na atualidade, o termo correto é “indígenas”] uma “religiosidade importada” por meio da catequização, e promover o estudo de textos clássicos aos descendentes da elite local. (NEVES 2013, p.?)

Quando os indígenas brasileiros tiveram seus primeiros contatos com o chamado “homem branco”, durante a nomeada Idade Moderna (em meados de 1549), dentro de algumas décadas já instalou-se o processo catequético por parte da igreja católica que, na época, exercia forte domínio sobre o mundo europeu.

A catequese trazia então uma face nova de um ato já praticado: o de ler. Inicialmente, esse ato era predominantemente imagético e oral, devido à forte cultura ágrafa existente, ao passo de que a barreira linguística era superada com muita dificuldade. Depois, a prática foi tornando-se mais próxima da escrita, através inclusive de peças de teatro. Afinal, a catequese precisava atingir o seu objetivo, que era a conversão, independentemente de qual fosse o meio. Desta forma, ali estava presente a leitura, desde o primeiro contato entre os diferentes povos – europeus e indígenas – até as primeiras letras escritas em papel, por parte dos nativos.

Mas nem só de positivities é composta a nossa história, nem mesmo a da leitura. Assim, no ano de 1747, é implantada a primeira oficina de imprensa do país. Porém, em pouco tempo, as máquinas foram confiscadas com a escusa de que as despesas com impressões aqui eram maiores que em Portugal, que na época necessitava reduzir gastos.

Também o Marquês de Pombal cria em 1768 a Real Mesa Censória, que tinha a finalidade de reformar o sistema de censura de livros que circulavam em Portugal e nas colônias, deliberando sobre quais materiais de leitura a população teria acesso. Medidas do tipo tinham o objetivo de ocultar dos olhos brasileiros as obras consideradas “perigosas”,

principalmente para a hegemonia da metrópole sobre a colônia, por divulgarem ideias iluministas revolucionárias, que ascendiam na Europa. (NEVES, 2013)

Seguindo a linha temporal, após o período colonial, com a chegada da família real ao Brasil, houveram grandes mudanças no eixo cultural da sociedade, sendo a implantação da Biblioteca Real (hoje, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro) um dos mais notáveis. Apesar de permanecer restrita durante muitos anos, ainda sim, foi um importante ponto de partida para o desenvolvimento das práticas leitoras daquela época.

Também “[...] voltaram a ser permitidas as impressões, e paulatinamente foram introduzidos os primeiros livros na colônia lusitana. Tais livros eram exclusivos para meninos, e baseavam-se numa tendência eurocentrista e categoricamente excludente, no que diz respeito ao sexo feminino.” (NEVES, 2013)

Aqui é importante abrir um breve parêntese para salientar o machismo da época, que introduziu-se em nossa sociedade de maneira que permanece até os dias de hoje, ainda que de diferentes – e até sutis – formas. Pode-se inclusive fazer uma pequena exemplificação: em datas como o Dia Internacional da Mulher ou o Dia das Mães, as livrarias (ou mesmo lojas de artigos diversos que também vendem livros), costumam pôr em promoção os títulos de romance ou de receitas. Afinal, a imagem feminina sempre foi moldada dentro de estereótipos e papéis dóceis e de serviência, muito bem definidos.

Fechado o parêntese, continuamos nossa jornada destacando os jornais e folhetins, de ordem independente ou oficial, que surgiram para fins de informar a população e promover uma maior comunicação. Foram eles os precursores da leitura e da prática jornalística no Brasil, importantes molas sociais que fizeram parte da articulação de vários movimentos e revoluções, como o da abolição.

Inclusive, foi esse tipo de produção e leitura informativa que fez com que os ideais abolicionistas se difundir largamente entre os burgueses, de maneira de o ideal do fim da escravidão não era mais apenas um sonho ou articulação exclusiva da classe escrava e pobre. E assim, mais uma vez a leitura se mostra poderosa ferramenta de transformação, e nesse caso, revolucionária para seu tempo e seu povo.

O Brasil continuou seu desenvolvimento e história, passando por transformações nos eixos sociais, políticos e econômicos, com o estabelecimento da República, o fim da escravidão e a expansão da lavoura cafeeira, que atraiu muitos imigrantes europeus em busca de trabalho. No entanto, o Brasil no século XX ainda enfrentaria um alarmante índice de analfabetismo que chegaria a 76,4% (OLIVEIRA, 2018)

E aqui é necessário salientar a importância das bibliotecas escolares, pontos onde as práticas leitoras foram mais aprofundadas e incentivadas, devido à antiga e predominante ideia de que a leitura era uma atividade intelectual e separada dos cotidianos mais humildes e comuns. O motivo era que nem todos tinham condições de estudar ou de custear a educação de seus filhos, de maneira que, como já pontuado, grande parte da população era analfabeta ou semi.

Assim, no final do século XIX, com a tentativa de atender a necessidade mercadológica, percebe-se uma lenta evolução, comparativamente ao período colonial, cujo sistema de educação era ainda mais elitista e havia carência de obras que estimulasse a leitura, sem a presença da imprensa. Coube então à escola contemporânea, na segunda metade do século XX, ampliar a prática da leitura e o livro didático, apesar de menos atraente, passa a ser o parceiro ideal na estratégia de cumprir essa missão.
(OLIVEIRA 2018, p. 68-69)

Acreditava-se que o conhecimento das letras era algo de cunho prático e que fazia parte apenas da esfera acadêmica, de maneira que a ideia de ler livros simplesmente por prazer parecia um exagero ou uma prática de nobres e altos burgueses. Assim, apesar das barreiras, as bibliotecas escolares se consolidaram como o mais importante ponto do desenvolvimento leitor.

4.3 Cenário Brasileiro Atual

Chegando ao contexto mais próximo da nossa realidade, é inegável que, a nível internacional, a contemporaneidade que vivemos é permeada por diversos tipos de tecnologias e suportes informacionais, e inclusive, nem é preciso ir muito longe ou ser um especialista em mídias ou cultura para perceber o fenômeno: praticamente tudo que fazemos é intermediado por alguma tecnologia. Seja no lazer ou trabalho, nas relações amorosas ou acadêmicas, etc.

Até mesmo aqueles que são iletrados ou semi, são capazes de aprender, mesmo que a duras penas, a manusear um smartphone, através daquilo que podemos sintetizar como sendo sua leitura de mundo. Afinal, ela vem antes da leitura das palavras propriamente ditas e é intrínseca a nós seres humanos.

Mas há um tempo para cada coisa debaixo dos céus, diz Eclesiastes. Trata-se de como a vida doméstica valoriza e usa os meios de formação e informação. O cinema não morreu com a TV, nem vai morrer com o DVD. A fotografia não matou a pintura, nem a gravura. A leitura interage com todos estes suportes e linguagens e o livro não vai desaparecer, nem frente ao e-book; os pergaminhos e rolos (hoje desenrolamos textos na internet) passaram a cadernos e brochuras sem que bibliotecas desaparecessem. Não é para temer novas modalidades de comunicação. O que interessa é a narrativa, a literatura, o texto, esteja onde estiver, pois é o pensamento e o sentido, a linguagem, que nos faz humanos.
(YUNES, entrevista de 2009)

Mas então, há uma disputa, ou uma barreira que separa esses dois tipos de leitura? A resposta é *não*. Como afirma Yunes na entrevista extraída e destacada acima, existe lugar para cada coisa, para cada tipo de leitura, de suporte e de tecnologia, de forma que nenhuma é inferior a outra. E mais: todas são passíveis de serem interligadas e interconectadas, assim como praticamente toda a nossa sociedade.

O que vale ressaltar é que – em consonância com a temática geral do presente estudo – a leitura deve ser constantemente cultivada, seja através das telas ou das páginas dos livros, sendo essa última a mais tradicional e que mais pode nos auxiliar num exercício mental crítico.

O psicólogo James Hillman afirma que a pessoa que leu histórias ou para quem leram histórias na infância ‘está em melhores condições e tem um prognóstico melhor que aquela à qual é preciso apresentar histórias. [...] Chegar cedo na vida já é uma perspectiva de vida’. Para Hillman, essas primeiras leituras tornam-se ‘algo vivido e por meio do qual se vive, um modo que a alma tem de se encontrar na vida’.
(MANGUEL 1997, p.24)

Tendo como base o excerto de Manguel, acima pontuado, se faz notável a importância que a leitura – e nesse sentido, principalmente a literacia – tem dentro do desenvolvimento pessoal de cada um de nós seres humanos, tendo em vista que a mesma configura-se como uma importante ferramenta, não apenas para o desenvolver da alfabetização e letramento em geral, mas também inclusive para a desenvolvimento de nossa própria mente, a medida que o ato de ler nos promove o desenvolvimento cognitivo através do crítico, seja através de palavras, sons ou imagens.

Tal desenvolvimento é explicitado nos estudos de Paulo Freire, quando este nos mostra que ler é um ato de compreender, seja o escrito, seja o próprio mundo. É uma ação que só nos é possível a partir das nossas compreensões e representações próprias do mundo.

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.
(FREIRE 1989, p.13)

Tão importante expressão e entendimento de si e do mundo – e como já explicitado, eminente ferramenta para o exercício da cidadania, a leitura, – mais do que nunca – merece e necessita de estudos, debates e incentivos. Na nossa modernidade predominantemente imagética, os escritos e a palavra como um todo, acabam por possuir pouco valor, o que é bastante preocupante. Cada vez mais, a imagem nos comunica, velozmente, sem espaço para reflexão.

Em contrapartida, apesar das visíveis e factuais benesses e importância de uma cultura leitora para o desenvolvimento social e inclusive pessoal de cada cidadão, ainda existem sérias problemáticas e entraves que cerceiam o incentivo à leitura, principalmente no Brasil.

Afinal, o mundo em que vivemos é aquele das relações líquidas de Bauman, da sociedade da informação de Castells, é um mundo onde já mais nada é perene: nada é, tudo está. É um lugar “[...] onde se pergunta para quê servem hoje os livros quando é melhor pesquisar na internet [...]” (CANCLINI 2008, p.13).

As consequências de tão pulsante realidade são opostas e diversas: por um lado, positivas, mas por outro, negativas. A exemplo, hoje a educação a distância é uma ferramenta inovadora e eficaz para o ensino, mas os longos períodos que muitos passam em frente às telas de seus computadores, tablets e celulares, para acompanhar essas aulas, é algo que prejudica

bastante a visão e afeta até mesmo a vida social. Esse é apenas um pequeno e fácil exemplo de como as cada vez mais pulsantes tecnologias podem nos afetar.

Mas para prosseguirmos com o presente trabalho, é preciso esclarecer: não pretende-se aqui declarar guerra à tecnologia. Não se pode (e nem se irá aqui) demonizá-la, ao contrário: deseja-se trazer importantes reflexões acerca de seu uso, que possam colaborar positivamente com a formação crítica, cidadã e humana dos jovens brasileiros.

Inclusive, o advento da internet e a estruturação da informação em rede e em nuvem são acontecimentos que além de transformadores, são também meios de democratização da informação, aditando-se à própria cidadania, tal qual o ato de ler, como afirma Canclini (2008, p. 30) “A organização em redes possibilita exercer a cidadania para além do que a modernidade esclarecida e audiovisual fomentou para os eleitores, os leitores e os espectadores”.

Mas, a chegada da pandemia no Brasil, no começo de 2020 – e seu devastador desenrolar, serviram para nos mostrar que (nos quesitos de acessibilidade e democratização digital e, indiretamente consequente, incentivo a leitura) ainda não temos plena igualdade no acesso às novas tecnologias aliadas ao ensino e a disseminação de informação.

Isso foi explicitado pois, boa parte do mundo – e claro, todo o nosso país – se viu dependente das ferramentas virtuais para o ensino remoto, que apesar de terem sua eficácia e importância comprovadas, no momento da grande pandemia mundial, não foram suficientes para efetivar uma educação da maneira democrática e desejável.

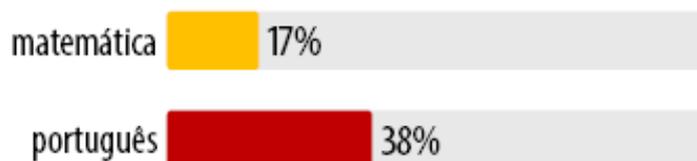
Infelizmente, o número de jovens que tiveram sua educação defasada devido a falta de acesso, e mesmo domínio dessas ferramentas, foi imenso. Muito se deve, principalmente, às desigualdades financeiras e à falta de sinal de internet que ainda existe em certas regiões do país, dentre outros.

Um estudo promovido em parceria entre o Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa) e o Instituto Unibanco, em 2021, intitulado *Perda de Aprendizagem na Pandemia*, algumas estimativas – advindas de dados do estado de São Paulo – preocupantes ao comparar o ensino remoto-emergencial ao presencial, como se vê em amostra a seguir:

Rendimento educacional no Brasil durante a Pandemia de Covid-19

Rendimento educacional - Brasil

Aprendizado dos alunos no ensino remoto com relação ao esperado no presencial*



Engajamento dos alunos da rede estadual no ensino médio remoto em 2020



**Independentemente da idade e da série.*

Fonte: Insper e Instituto Unibanco

agência **senado**

Fonte: Agência Senado

É evidente que, a defasagem educacional que muitos jovens ainda enfrentam - que segundo dados do Alicerce Educação, do mesmo ano, pode durar até quatro anos - também afeta a relação que os mesmos têm com as práticas leitoras. Muitos as veem como algo obsoleto, preso às estandes esquecidas e empoeiradas de uma biblioteca. Tal mentalidade precisa ser reavaliada e reconstruída nos coletivos mentais, ainda que demore.

E é com essa esperança – de mudança de mentalidade social – que a pesquisa em questão buscou se desenvolver, à medida que buscou compreender o que pode melhorar e as ações de incentivo à leitura voltadas aos nossos jovens, refletindo conseqüentemente em suas relações sociais.

5 PRÁTICAS METODOLÓGICAS PARA A LEITURA

Para iniciar este capítulo, que tratará dos diferentes tipos e métodos para a prática leitora, é preciso antes esclarecer de maneira mais aprofundada o que ela é de fato. Neste sentido, nada mais prático e simples que afirmar “você está lendo neste momento” (MORAIS 1996, p. 110). Com efeito, esta afirmação está correta, e mesmo tão simples nos diz muito.

Ler é algo que nos acompanha a todo momento, é aquilo que faz nossa mente – por conta própria – decodificar signos, perceber simbologias, interpretar situações e internalizar tudo aquilo que se apresenta no nosso entorno. Ler pode ser muitas coisas: um processo, uma ferramenta, um meio, uma ponte.

Como processo, entende-se costumeiramente o de aprendizado, como afirma Richard Bamberger, em sua obra de 1975:

[...] a pesquisa nesse campo definiu o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. O processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro; durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidades de pensamento em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. (BAMBERGER 1975, p. 10)

Afinal, a leitura resiste entre tantos avanços tecnológicos, sendo até hoje bastante utilizada dentro de escolas e demais ambientes de aprendizado, como meio de se absorver e compreender conteúdos. É, nesse contexto, um processo contínuo, que nunca se finda por completo, mesmo quando se fecha o livro.

Já como ferramenta, é justamente no livro que costuma se “personificar” a prática leitora. Assim, o sujeito leitor o faz como atividade com fim utilitário, vê nas palavras, naquilo que é lido, uma forte ferramenta que pode ser aliada a construção de conhecimento, ou mesmo na satisfação pessoal de ler um romance policial.

Como um “meio” o processo de leitura pode ser usado também dentro da comunicação: ler uma carta ou uma mensagem de texto, ou mesmo ler os lábios de um amigo quando este tenta sussurrar discretamente que quer ir embora daquele lugar (talvez desconfortável) em que ambos estão.

Por fim, quando se diz que a leitura pode ser uma “ponte”, na verdade o que se quer dizer é que ela é sinônimo de travessia. Do desconhecido ao conhecido. Do novo ao velho. Significa dizer que boas práticas leitoras podem levar um sujeito a tornar-se, de fato, um cidadão, à medida que o faz conhecer e compreender o mundo ao seu redor. Ela pode ser uma

verdadeira ponte que nos transporta ao saber. Nota-se que, dentro dessas óticas, todos esses significados têm a ver, em certo nível, com o processo de aprendizado e com a construção de saberes.

Partindo para outro ponto, quando se fala sobre práticas leitoras, Chartier em seu clássico atemporal “A Aventura do Livro”, nos explicita de maneira clara ao longo de sua obra que tais práticas são um predicamento de hábitos, pessoais ou coletivos; capacidades particulares; e convenções sociais que moldam as diferentes formas que uma sociedade pode apresentar para expressar a atividade (e seus derivados) de leitura.

Este livro é um rolo, uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-la. Ele faz aparecer trechos distribuídos em colunas. Assim, um autor não pode escrever ao mesmo tempo que lê. Ou bem ele lê, e suas duas mãos são mobilizadas para segurar o rolo, e neste caso, ele só pode ditar a um escriba suas reflexões, notas, ou aquilo que lhe inspira a leitura.

Ou bem ele escreve durante sua leitura, mas então ele necessariamente fechou o rolo e não lê mais. Imaginar Platão, Aristóteles ou Tito Lívio como autores supõe imaginá-los como leitores de rolos que impõem suas próprias limitações. (CHARTIER 1998, p.24)

O excerto, acima recortado, nada mais é que um retrato das práticas leitoras da idade antiga, quando os escritos eram armazenados em rolos de pergaminhos ou papiros – feitos, este com matéria prima vegetal, e aquele com pele animal. O mesmo nos mostra como essas práticas podem ser bastante diferentes entre si em cada contexto histórico-social.

Por mais inofensiva que pareça, a forma de um suporte de registro de saberes, como esses citados, pode ser sim uma forte influenciadora das práticas e métodos de leitura de toda uma sociedade. Nesse caso, devido às limitações de seus formatos, os pergaminhos e papiros eram, como observado, limitantes das práticas leitoras, pois ocupavam as duas mãos do sujeito leitor, atrapalhando-lhe por exemplo na escrita de suas reflexões derivadas.

E por que era esta uma atividade que requeria letramento e também o uso articulado das duas mãos – e, por vezes, da fala, dentro da predominante prática da leitura oralizada, em voz alta – a leitura era, durante os primórdios da idade antiga, uma atividade considerada difícil, de muito valor e também elitizada.

5.1 Revisão Bibliográfica de Obras Sobre Métodos e Técnicas de e Para a Leitura

Diversos são os tipos de leitura identificados durante a história da humanidade, até os dias de hoje. Em relação à de materiais escritos, é bem provável que a primeira prática registrada foi a da leitura em voz alta (coletiva), seguida da silenciosa (individual). Quase como pólos opostos de um imã, esses tipos tão diversos são mais que marcos históricos: também têm profunda importância e impacto nos seus respectivos contextos socioculturais em que estão inseridos.

[...] assim como as capacidades de leitura postas em funcionamento num dado momento por determinados leitores frente a determinados textos, as situações de leitura são historicamente variáveis. A leitura é sempre um ato de foro privado íntimo, secreto, que reenvia à individualidade? Não, porque esta situação de leitura não foi sempre dominante. Creio, por exemplo, que nos meios urbanos, entre os séculos XVII e XVIII, existe todo um outro conjunto de relações com os textos que passa pelas leituras coletivas, leituras que manipulam o texto, decifrado por uns para outros, por vezes elaborado em comum, o que põe em jogo alguma coisa que ultrapassa a capacidade individual de leitura. (CHARTIER 2011, p.233)

Esse tipo de prática, citada por Chartier, surge nos primórdios da idade antiga, principalmente em lugares como a Biblioteca de Alexandria. Nesse contexto, a leitura em voz alta era extremamente necessária, pois além de servir para a disseminação de ideias e compartilhamento de saberes (tão necessários num contexto comunicacional limitado) também eram poucos os alfabetizados e capazes de realmente ler corretamente e entender um escrito por inteiro. Assim, era necessário que alguém fizesse essa leitura para que outros ouvissem e se apoderaram daquelas informações. Era uma prática coletiva e quase performática, que dava status àquele que a fazia.

A leitura em voz alta, ainda segundo Chartier, era um meio de socialização e contato com o sagrado: muitas famílias e comunidades camponesas do séc. XVIII se reuniam para ouvir a leitura das sagradas escrituras (geralmente católicas), que geravam debates e reflexões. Tal prática nos faz lembrar das igrejas contemporâneas, que preservam a prática até hoje: não são as liturgias, leituras em voz alta feitas para um público? Isso nos mostra como assim como o próprio ato de ler e os suportes informacionais se modificaram e evoluíram com o passar dos tempos, mas sem sumirem todos por completo, também as práticas de leitura sofreram modificações, permanecendo mesmo assim, em suas diferenças, até hoje.

Durante um grande período do século XIX, a leitura em voz alta foi também uma forma de mobilização cultural e política dos novos meios citadinos e do mundo artesanal e depois operário. Encontrava-se em formas de lazer e de sociabilidade, sendo parte das

relações sociais (CHARTIER 1998, p.143). O ato de ler fazia pulsar a palavra escrita, que tomava vida e fomentava ideias. O ato silencioso, por sua vez, faz com que a mente do indivíduo “ganhe vida”, concatene ideias, através das palavras.

A leitura em voz alta alimentava uma relação entre o leitor e a comunidade dos próximos. A leitura silenciosa, mas feita em um espaço público (a biblioteca, o metrô, o trem, o avião), é uma leitura ambígua e mista. Ela é realizada em um espaço coletivo, mas ao mesmo tempo ela é privada, como se o leitor traçasse, em torno de sua relação com o livro, um círculo invisível que o isola. O círculo é contudo penetrável e pode haver aí intercâmbio sobre aquilo que é lido, porque há proximidade e porque há convívio. Alguma coisa pode nascer de uma relação, de um vínculo entre indivíduos a partir da leitura, mesmo silenciosa, pelo fato de ser ela praticada em um espaço público.
(CHARTIER, 1998, p.143-144)

O dito círculo que se forma durante o processo, nada mais é que uma intimidade que o leitor desenvolve com o seu livro ou objeto lido. É uma conexão que, por vezes, envolve afeto, fascínio e curiosidade. Destarte, é assim que surge a expressão “viajar nos livros”, comumente usada em campanhas de incentivo à leitura. Afinal, o processo de ler pode mesmo nos fazer “embarcar” em uma experiência única, pessoal e intransferível – podendo ser apenas compartilhada, mas nunca igualmente vivenciada, nem mesmo numa leitura guiada, que veremos a seguir.

Pode-se destacar ainda três diferentes e relevantes práticas leitoras que fazem parte da nossa contemporaneidade, e que serão tratadas a seguir: a leitura guiada/mediada (através da biblioterapia e da mediação de leitura); a utilitarista/caçadora (para estudo e pesquisa); e a chamada leitura dos prazeres (de caráter pessoal e afetivo).

A primeira, como o nome já diz, é guiada por outrem, podendo ser envolta em coletividade ou individualidade. Quando se lê um texto recomendado e minuciosamente assinalado e roteirizado por um professor, é a leitura guiada que se está praticando. Quando um grupo lê um livro ou um conjunto de obras específico e debate periodicamente seu conteúdo, é também da mesma que estamos falando.

A mediação da leitura é uma prática que, assim como o próprio ato de ler, não tem bem delimitado o seu período de surgimento. Mas pode-se dizer que, enquanto prática pedagógica, tem sido bastante estudada e executada no século XXI. Consiste num conjunto de processos práticos e mentais que culmina no entendimento acerca de uma leitura específica.

Na prática, a mediação de leitura costuma ser uma maneira de se interagir mais ativamente com aquilo que se lê – através do trabalho de um profissional. Costuma trazer diversas atividades que envolvem escritos previamente selecionados, que serão trabalhados,

seja através da oralização, da dança, do desenho, da escrita, etc. Cada indivíduo traz um pouco de seu entendimento e contribui para a leitura coletiva.

Segundo artigo de 2017 de Bernardino: “A mediação da leitura evidencia e determina o papel de sujeito construtor do conhecimento, e este deve estar inserido no mundo intelectual e na vivência do leitor devendo ainda, ajudá-lo a compreender o seu papel dentro do seu contexto social proporcionando condições para ele interferir na sua realidade.” (BERNARDINO; ALENCAR; SILVA 2017, p. 38). Nesta ótica, o público alvo da mediação torna-se protagonista na construção do entendimento da leitura, deixando de ser apenas um passivo, um receptor de palavras e frases prontas.

Em outro ponto, segundo Rodrigues do Prado, em seu artigo de 2022, “A mediação da leitura se estabelece como processo estratégico dos recursos pedagógicos. [...] a educação formal, por meio da mediação da leitura, é assumida como estratégia para superar a obsolescência de um ensino individualista e promover aprendizagens coletivas pela socialização do conhecimento e interações que expressem afeto, respeito e empatia às subjetividades humanas.” (PRADO 2022, p. 3 e 4).

Desta forma, fica nítida a importância desse tipo de mediação dentro dos ambientes educacionais, como as escolas, principalmente pelos fatores de desenvolvimento da socialização e da aprendizagem coletiva, tão necessários na contemporaneidade. Afinal, esses fatores coadunam com aquilo que a escola deve promover, para além do ensino, que é a socialização entre os alunos.

Em contrapartida a esse modelo um pouco mais coletivo, uma das formas mais interessantes que essa prática apresenta, é a biblioterapia, que geralmente é desenvolvida de maneira mais individual e pessoal. Essa prática tem algumas relações com a pedagogia e com a psicologia, na medida que, como o nome já esclarece, é feita como uma terapia para o indivíduo.

A primeira vez em que foi citada, foi por volta da década de 40 pelo dicionário especializado norte-americano Dorland's Illustrated Medical Dictionary, que a definiu como “o emprego de livros e a leitura deles no tratamento de doença nervosa”.

Consiste, de maneira prática e resumida, na leitura e reflexão de materiais previamente selecionados por um profissional, que tratam direta ou indiretamente da problemática pessoal do indivíduo. Essa leitura, ao ser acompanhada da reflexão – que pode ser escrita ou não, a depender da metodologia utilizada – deve trazer um melhor entendimento do indivíduo acerca de si mesmo e de suas questões, de maneira que suas dores podem ser mitigadas, durante também o processo de escuta ativa que o profissional deve promover após a leitura.

A leitura, assim como a mediação, é uma ação cultural dinâmica e está intimamente ligada com a formação de cada leitor e com o comprometimento e interação do mediador tanto com o mediado quanto com a leitura. A principal função da mediação da leitura é despertar em cada um, através do tato e do contato, do hábito, do estímulo iminente com a leitura, da vida e da experiência de cada um com essa viagem de transformação com o outro, consigo mesmo e com o mundo. (SILVA; ALENCAR; BERNARDINO p. 39, 2017)

Assim, destacada a natureza pessoal do processo, a biblioterapia pode ser, com certeza, considerada uma prática revolucionária, pois dá a leitura uma dimensão mais profunda: de entendimento de si mesmo e de reflexão terapêutica, à medida que propõe um processo de autoconhecimento.

Outro tipo de prática citada anteriormente, é a leitura utilitarista ou “caçadora”: consiste essa na prática que fazemos ao estudar ou ao pesquisar uma informação. É aquela leitura extremamente objetiva, guiada por objetivos bem claros, geralmente representados por palavras-chave. Richard Bamberger (1995) a nomeia como leitura informativa, ao afirmar que: “A principal motivação para a leitura informativa é a necessidade de orientação na vida e no mundo.” De fato, a motivação desse tipo de prática geralmente consiste numa necessidade – e não necessariamente vontade – de saber. Geralmente, entre jovens, ela provém de obrigações escolares, como para fazer uma prova, por exemplo.

Em contrapartida, destaca-se a leitura por prazer (ou afetiva) que, diferentemente da informativa, vem da vontade própria do sujeito de ler. Consiste ela numa prática que, muitas vezes, tem uma forte dimensão afetiva. Geralmente, aquele que a pratica é o sujeito que lê dentro dos ônibus – até mesmo em pé, absorto. É aquele que chora com a morte de um dos personagens da história... É aquele que, de fato, cultivou um verdadeiro amor e um verdadeiro prazer pela leitura.

5.2 As Práticas Metodológicas Brasileiras e a Juventude

A juventude Brasileira – e ousa dizer, mundial – já não se interessa tanto pelas práticas leitoras, ao menos, não da maneira tradicional que antes tanto se prezava. Hoje, os suportes de leitura são outros, os objetos e entidades informacionais a serem lidos, também. Dessa forma, a própria prática leitora reconfigura-se e acaba por se disfarçar, numa espécie de mimetização contemporânea-tecnológica, fazendo com que muitos a desempenhem em seus dia-a-dias, sem na verdade reconhecê-la como tal.

Lê-se um tweet tanto quanto uma placa informativa, tanto quanto um manual de instruções, e assim também, um livro de receitas. Também se lê uma notícia em um site, assim como se lê a reação de seus colegas ao ouvirem as novas, ou assim como se lê a última foto postada por uma celebridade recém divorciada, buscando sinais que aumentem o buruninho já existente. Assim, o ato de ler está em todos os inumeráveis cantos do mundo digital, mesmo que por vezes, em pequena ou disfarçada escala.

Mas seriam esses exemplos, como os acima citados, suficientes para inferir que não é assim tão necessário debater a leitura, por ela em si já instalar-se naturalmente em nossas vidas? A resposta para tal, dentro da literatura especializada, se mostra negativa. É preciso que se mantenha o debate, e um dos motivos para tal, é que a leitura precisa cada vez mais ser entendida e mantida viva.

Para dar continuidade ao tópico da mudança de paradigmas leitores, recorta-se abaixo um trecho do artigo de Furtado, que nos mostra – através da suscitação do conto Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector – que a prática leitora vem, desde muito, se configurando e adaptado em diversos contextos, em diferentes suportes e costumes, que por sua vez, refletem-se na própria sociedade:

“À medida que avança o século XXI ele [o conto Felicidade Clandestina] certamente deve soar cada vez mais estranho – ainda que, do ponto de vista histórico, a obra seja bastante recente. Como uma pré-adolescente, em plenos anos 2000, poderia se mobilizar a tal ponto por folhas de papel dobradas e juntadas, com letras impressas nas quatro faces, formando cadernos costurados que, por sua vez, são recobertos por uma capa igualmente de papel e com letras e, na maioria dos casos, imagens também impressas? Como alguém pode sofrer tanto apenas porque deseja ler... Um livro? Um livro ao qual agora é preciso acrescentar o adjetivo “impresso”, condição para o estranhamento que vai se configurando nestes tempos.” (FURTADO 2016, p.87)

Para bem aclarar a questão posta, é preciso dizer que o conto em questão trata-se de um clássico da literatura Lispectoriana, no qual o amadurecimento através da leitura é singelamente retratado através da protagonista que, ainda muito moça, interessa-se com muito

amor – e praticamente devoção – pela leitura de clássicos de sua época, como o em questão, “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato. Sua antagonista coadjuvante então, a impede de ter o prazer da referida leitura, através de várias formas, lhe causando imensa chateação. A curta e singela saga da busca da protagonista por esse livro, por essa felicidade clandestina, é a pauta do conto.

Era esse um outro tempo, um outro contexto, que nos faz aqui repetir a alguns questionamento de Furtado: Como alguém (hoje) pode gostar tanto de um livro ou, dentro desse mote, do ato de ler? Num mundo tão conectado e virtualizado, como um impresso ainda é capaz de causar tamanha comoção, gerar tanta paixão?

A resposta talvez seja um simples não: “Não é possível”. Ou talvez, numa ótica mais otimista e investigativa, a resposta seja: “Sim, através de diferentes práticas metodológicas, tendo em vista os diferentes contextos histórico-culturais”.

Não se pode conceber a ideia de que a leitura pode ser facilmente incentivada a qualquer um com métodos simples e já pré estabelecidos. O que se pode, e na verdade deve, fazer é entender que, de fato, os tempos são outros e que, portanto, requerem outras abordagens metodológicas que acompanhem as diversas práticas e suportes.

No Brasil, é bastante comum que as escolas se utilizem de livros paradidáticos para, não apenas aplicar o estudo do texto em questão – interpretando-o, por exemplo – como também incentivar a leitura, como um hábito. A grande problemática está no fato de que ler não deve ser entendido como um hábito a ser cultivado, e sim como uma prática que vem do livre interesse e gosto pessoal. Deve ter uma – ainda que mínima – dimensão afetiva.

Os livros em questão são previamente selecionados, e como o nome já aclara, não são didáticos, mas são adotados para que os alunos possam ler mais e conhecer mais de diferentes autores. A premissa é excelente mas, na prática, pode encontrar alguns desafios.

Dentre eles, é possível destacar dois em duas diferentes óticas: por um lado, os pais que por vezes veem a compra de livros paradidáticos, pedida pelas escolas, como um gasto extra e desnecessário; por outro, os alunos que em certa parcela interpretam essa prática como sendo forçada e, portanto, desprazerosa. Ambos, tendem a ver o livro paradidáticos como sendo avulso, um extra sem razão, que apenas será utilizado para fazer uma única prova.

Cabe aqui ressaltar que não se pretende aqui reclamar de um modelo já amplamente conhecido e utilizado nas escolas e que tem seus efeitos positivos, e sim, fazer uma crítica pontual que pretende sugerir melhorias para que a prática seja mais eficaz. Outras problemáticas e desafios metodológicos serão mais explorados no capítulo que se segue.

Ocorre, pois, uma descaracterização do texto como elemento comunicativo, pois o aluno não sabe por que leu, desconhece quem escreveu, não tem ideia da finalidade da leitura e não percebe sua importância como coautor do texto, ou seja, inexistente a interação texto-leitor imprescindível para o entendimento da mensagem. Os livros com os quais os alunos têm contato passam a ser apenas material de trabalho nas aulas de Português, e sua leitura será avaliada, invariavelmente, por meio de provas e testes.

O desinteresse dos alunos diante do livro acontece devido à automatização da leitura expressa nas questões objetivas e repetitivas presentes nas avaliações. Como exemplo, temos as chamadas "fichas de leitura", que acompanham os livros paradidáticos, que são definidas por editoras e alguns professores como guias ou roteiros. Encontram-se nesses encartes exercícios referentes a personagens, enredo, clímax, desfecho, ambiente e época em que se passa a narrativa – enfim, questões que podem ser preenchidas por qualquer pessoa que tenha feito uma leitura superficial, lido um resumo ou perguntado a alguém como é a história; no caso dos alunos, comprova a experiência de anos de magistério, isso é o que mais ocorre! No entanto, avaliações desse tipo continuam a ser feitas e ainda se estranha o fato de os alunos afirmarem que detestam ler... (SOARES, 2015)

Nota-se que são muitos os motivos que podem fazer com que alunos não desenvolvam um mínimo de gosto que seja pela leitura, e mais, afastem-se dela ao verem-na como uma atividade chata e obrigatória, limitada ao estudo. Um pontapé inicial para uma mudança significativa, com certeza seria a geração de debates e diálogos acerca dos livros.

Ainda, o modelo de avaliações através de paradidáticos deveria ser mais flexível e acessível: poderiam ser ofertados os livros dentro da própria biblioteca escolar (o que poderia solucionar a questão do “gasto extra” das famílias) e estes também poderiam ser escolhidos pelos próprios alunos, dentro de uma lista pré selecionada, por exemplo (o que traria uma maior participação do aluno dentro da própria metodologia, e geraria um maior e mais orgânico interesse).

E, por que não o uso da leitura em suportes como o Kindle? Por que não selecionar como paradidáticos, as obras que têm suas versões em e-book? A leitura está ali, mediada por uma tela, mas ainda sim é a mesma. Num mundo hiperconectado, as telas não podem ser inimigas ou empecilhos educacionais e sim, meios facilitadores, ferramentas aliadas no desenvolvimento de novas metodologias e do constante aprendizado.

6 LEITURA E PRÁTICAS LEITORAS -DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO CENÁRIO NACIONAL

Para iniciar este último capítulo, faço inicialmente um questionamento: como é possível que alguém que nunca frequentou a escola ou foi corretamente alfabetizado, saiba utilizar perfeitamente um smartphone ou fazer contas matemáticas diversas, lidando com o comércio por exemplo?

O exemplo acima nada mais é que um resumido retrato da realidade de muitos brasileiros: geralmente pessoas mais velhas, de origem humilde, que podem até não saber o que é um dígrafo ou uma estrofe mas, em dado momento, dentro da nossa pulsante sociedade informacional, aprenderam o mínimo de como usar o *Whatsapp* fazer um pix.

A resposta para a questão posta, está no fato, já explanado anteriormente, de que o ato de ler não se trata apenas de uma atividade técnica ou acadêmica e muito menos se limita aos textos mas é, na verdade, uma atividade cognitiva, que envolve muitos outros aspectos do entendimento humano.

Segundo Alberto Manguel, “Mesmo em sociedades que deixaram registros de sua passagem, a leitura precede a escrita; o futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema social de signos antes de colocá-los no papel.” (MANGUEL 1997, p.20). Aqui, devemos lembrar a máxima conhecida de Paulo Freire, mas também replicada por outros muitos como Manguel, de que a leitura precede a escrita e a leitura de mundo, acima de tudo, precede a leitura de escritos. O semi analfabetismo que não limita em cem por cento a vida social do indivíduo, se dá por conta dessa premissa.

As pessoas do exemplo dado ao início do capítulo, se forem correta e efetivamente estimuladas, dentro de um eficaz plano pedagógico, podem tornar-se de fato alfabetizadas e desfrutar plenamente do mundo das palavras escritas – ao passo que já desfrutam da leitura de mundo, seja ela bem desenvolvida ou não – o que seria algo bastante benéfico para suas vidas, em amplo sentido. Mas, infelizmente, essa alfabetização tardia nem sempre costuma acontecer.

O INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) define quatro níveis de alfabetismo, dos quais os citados no exemplo são, muito provavelmente, alfabetizados em nível rudimentar. Esse nível é geralmente predominante entre os mais velhos, por diversos fatores sócio-econômicos e mesmo culturais, nos quais não pretende-se aprofundar tanto no momento.

Já entre os jovens, algumas problemáticas e desafios se inserem entre estes e a leitura,

se fazendo presentes no dia a dia de muitos, seja dentro das salas de aula, seja dentro de casa. Um deles é, sem dúvida, a presença massiva das redes sociais e aparatos tecnológicos que tomam nossa rotina por inteiro, muitas vezes gerando ansiedade e procrastinação – se utilizados da maneira errada.

Segundo Arthur Schopenhauer, “Seria bom comprar livros se pudéssemos comprar também o tempo para lê-los, mas, em geral, se confunde a compra de livros com a apropriação de seu conteúdo.” (SCHOPENHAUER 1993, p.41). Apesar da obra de onde os dizeres foram retirados ser, na verdade, uma certa crítica à leitura, o excerto em questão é bastante perspicaz ao pontuar algo tão atual e preocupante: cada vez mais nossos dias se aceleram.

O crescente movimento da globalização e os avanços tecnológicos dominam nossas rotinas criando certo paradoxo: se, por um lado, a infinidade de facilidades digitais ao nosso redor simplifica diversas tarefas, nos economizando tempo, também, em sua outra face, acaba impondo muito mais atividades ao longo do dia, muitas vezes simultâneas.

É possível, por exemplo, conversar online com um amigo sobre um problema pessoal pelo Whatsapp, enquanto se faz uma planilha no Excel, fazendo breves intervalos para comer algo ali mesmo, em frente às telas do PC e do smartphone, tudo isso enquanto se escuta um *podcast* curiosamente, sobre como ser mais produtivo.

Em que momento do dia se pode parar e desacelerar um pouco para ler algo? Ou para exercitar a crítica, a reflexão, a escrita e a criatividade? As respostas são muito relativas, variando em cada indivíduo, mas com certeza se pode dizer que entre os brasileiros, a resposta em geral tende a ser negativa. Não há tempo para pensar. Aliás, por que pensar, quando se tem ferramentas como o ChatGPT? Inúmeros são os relatos de pessoas que, por exemplo, apresentaram trabalhos acadêmicos e textos impecáveis, apenas conferindo os comandos certos à IA do Chat.

A discussão acerca de como o excesso de facilidades tecnológicas pode atrapalhar nossa criatividade e capacidade cognitiva – a longo e, mesmo médio, prazo – é profunda e extensa, e é também uma na qual não pretende-se deter aqui, mas é importante registrá-la.

Já no campo mais prático e tradicional, o das salas de aula, os desafios na formação de leitores também se fazem presentes. Antes de mais nada, torno a fisar os impactos da pandemia no ensino e nas práticas leitoras. Para tanto, destaco o excerto que segue abaixo.

[dificuldade de aprendizado] É o caso da Ayla, de 11 anos. Estudante de uma escola particular em Barreiras (BA), ela vem apresentando dificuldade com a leitura e com a memorização dos métodos de aprendizado. A mãe, Ingrid Souza, 32, conta que a

menina é atenciosa em relação aos estudos, mas que a falta de uma tutora presencial dificulta o progresso.
(SENADO)

O relato acima foi retirado de matéria publicada por Ana Lúcia Araújo na Agência Senado, em 2021, e nos mostra como as consequências da pandemia podem ser devastadoras para a educação. Ouso dizer que, numa sociedade cada vez mais conectada e rodeada por telas, a falta do contato e da interação presencial podem causar danos tanto quanto a falta de leitura.

Também a problemática da falta de leitura no país se ramifica em outros pontos como o da renda familiar: muitos não leem e nem mesmo gostam da prática, por ter dificuldade de acesso a esse universo, costumeiramente considerado elitista ou academicista. A pandemia de Covid-19 também influenciou nesse aspecto ao ser um dos motores que causou a chamada crise das editoras: livros cada vez mais caros e com cada vez menor procura. Como esperar um interesse ou gosto pelas práticas leitoras em um país onde se somam crise econômica e cultural?

A imagem que se segue retrata, em números, como a questão financeira pode ser decisiva na construção de práticas leitoras. Consiste num comparativo entre as pesquisas de 2015 e 2019 feitas pelo Instituto Pró-Livro (IPL), Itaú Cultural e IBOPE Inteligência, acerca do quantitativo de leitores no país, em detrimento de suas condições sócio-financeiras.

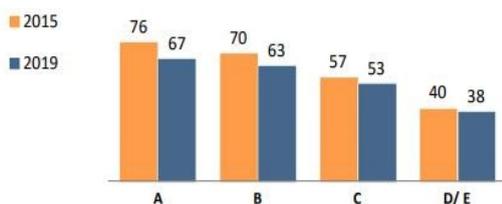
A pesquisa mostra uma queda de cerca de 4,6 milhões de leitores, entre 2015 e 2019 (considerando como leitor, toda pessoa que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos 3 meses antes de sua realização).

LEITOR

(%)

Classe e Renda familiar (2015 X 2019)

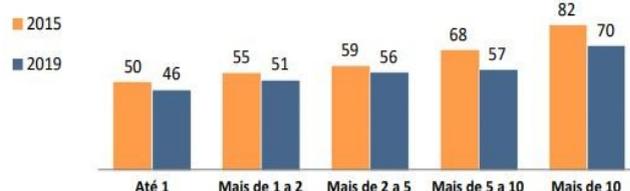
Classe



Estimativas em milhões de habitantes:

	2019	2015
A	3,9	4,1
B	26,4	28,8
C	48,9	51,2
D/E	21,0	20,4

R\$ Renda Familiar (Em SM)



	2019	2015
Até 1	22,6	17,1
Mais de 1 a 2	25,7	32,3
Mais de 2 a 5	25,3	32,5
Mais de 5 a 10	12,7	10,7
Mais de 10	3,5	2,8



Base: Amostra 2015: 5012 | 2019: 8076

IBOPE
26 inteligência

Fonte: site do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec)

Os gráficos são claros: entre 2015 e 2019, houve uma redução considerável no número de leitores ao redor do país, independentemente da renda familiar ou classe social. Porém, os fatores financeiros ainda são fortes demarcadores e geradores de diferenças socioculturais, afetando a frequência da prática de leitura de livros. As classes consideradas mais altas e mais abastadas, claramente, leem mais – tendo em vista que seus privilégios a fazem estar em contato com diversas expressões culturais e dar a elas a devida importância.

O comparativo também revela que, para além das dificuldades e desigualdades financeiras, o próprio passar dos anos, com tantas transformações e crises, também influencia na avaliação, reduzindo o número total de leitores. Somos, atualmente, um país que não gosta de ler.

Desta forma, no contexto pós-pandêmico que estamos vivenciando, é necessário não apenas debater, mas também praticar o incentivo à leitura dentro das salas de aula e para além delas, em vista de combater os danos e preencher as lacunas que o modelo remoto-emergencial de aulas causou.

Mas, frente a tantas mudanças, práticas comuns e antigas voltadas para o estímulo da leitura, entre alunos, não são mais suficientes e eficazes como um dia já foram. Para reverter os números negativos, é preciso bem mais que exigir a compra e leitura de livros

paradidáticos em escolas ou de cobrar resumos de antigos clássicos da literatura brasileira. No próximo tópico, serão avaliados alguns pontos e exemplos positivos de como se pode reverter os números retratados acima.

6.1 Estudo Analítico dos Exemplos Encontrados na Literatura

Dado todo o exposto ao longo do trabalho, fica visível a urgente necessidade de adaptação das antigas e tradicionais práticas leitoras às novas mídias, tecnologias e suportes informacionais. Um novo tempo requer novas leituras. Não se trata, absolutamente, de abandonar os livros, mas sim de entender que hoje os suportes são variados e que, dessa forma, o incentivo à leitura pode – e deve – ocorrer de diversas maneiras.

Assim, analisaremos aqui alguns pontos interessantes para o desenvolvimento de medidas efetivas e eficazes para o incentivo às práticas leitoras, bem como algumas propostas inovadoras e interessantes encontradas na literatura, tendo a tecnologia como apoio fundamental nesse processo. É importante destacar que os pontos salientados dizem respeito a práticas pedagógicas de incentivo à leitura, dentro do universo escolar dos jovens.

Os influenciadores digitais aparecem na pesquisa – realizada na Bienal do Livro de São Paulo [de 2022] – como o principal indicador de leitura.

Ao mesmo tempo, TikTok, YouTube, Instagram e Facebook influenciaram 28% das pessoas para a indicação do que ler.

O avanço é considerável quando comparado aos resultados da Bienal do Rio de 2019 (13%) e na FLUP (5%).
(GARCIA 2022)

O excerto, acima destacado, foi retirado de artigo publicado no site da CNN Brasil e nos mostra alguns dados interessantes acerca da incidência de interferências das novas tecnologias nas práticas e preferências leitoras dos jovens. Cada vez mais, são vídeos do Youtube, TikTok, postagens no Instagram, entre outros, que medeiam ou norteiam, em algum nível, a maioria das nossas atitudes e gostos no dia a dia.

Ainda, é possível notar que, para o público jovem, a presença das tecnologias é enorme: as ferramentas digitais e online estão sempre presentes em seus dia-a-dia, de maneira que se torna mais efetivo – pedagogicamente falando – aproximar a leitura deles através, primeiramente, da compreensão de seu universo pessoal, multidigital e multi informatizado.

Em segundo plano, é preciso inserir, dentro dos métodos e práticas pedagógicas, a leitura multimídia: que não se prende aos livros de papel, mas se expande para diversos suportes digitais e inclusive, é também a leitura – crítica e assertiva – de blogs, notícias, etc.

Na mesma ótica, ao olhar para os costumes digitais do brasileiro, pode-se afirmar que, hoje, buscamos informações e “dicas” sobre um sem número de coisas: receitas *fitness* reformas em casa, melhores séries de suspense na Netflix, etc. E, por que não buscar indicações de livros interessantes? Por conseguinte, perfis que se dedicam ao tema e

correlatos, surgem e se espalham constantemente, o que nos leva a citar, mais especificamente, os *booktubers*, sobre os quais se tratou o estudo publicado em 2021, na revista RICI, abaixo citado.

(...) a plataforma online YouTube trouxe uma nova percepção sobre os diferentes tipos de interação que as pessoas podem estabelecer com livros. A comunidade Booktube veicula conteúdo relacionado a literatura, utilizando a plataforma YouTube para a divulgação de vídeos. Os membros dessa comunidade, que são pessoas que compartilham suas experiências literárias e interagem com os inscritos, recebem o nome de booktubers.
(OLIVEIRA *et al*/ 2021, p.9)

Ao longo de seu estudo, as autoras vão afirmar que esse tipo de influenciador digital está – talvez até, não intencionalmente – prestando um bom serviço à sociedade de modo geral, tendo em vista que eles, ao compartilharem suas experiências e pessoais com a leitura, acabam por gerar curiosidade e interesse na prática, colaborando para a construção de comunidades leitoras que não apenas estão presas ao mundo virtual, mas estão vivas, pulsantes e pensantes, fora das telas.

Ainda dentro do exemplo dos booktubers, as autoras destacam que há uma certa setorização quando se trata de influenciar e mediar a leitura entre jovens e crianças, afinal, públicos diferentes requerem abordagens diferentes.

Observou-se que há uma tendência de booktubers nas bibliotecas trabalharem com o público infantil, com projetos voltados às narrativas e contação de histórias (Book Reading), enquanto as iniciativas destinadas aos jovens e adultos consistem em encorajar sua participação em encontros e clube de leituras (Hangout). Proporcionar um contexto que junta oralidade e leitura pode influenciar no processo de construção da identidade leitora de cada indivíduo, preparando-o para ter certa autonomia reflexiva e crítica com os livros a partir deste tipo de experiência.
(OLIVEIRA *et al*/ 2021, p.20)

Quando se trata de práticas pedagógicas que exercitem e incentivem o gosto pela leitura, é preciso, como já dito, muito mais que apenas conhecer o seu público-alvo: é preciso, de fato, compreendê-lo. Crianças, a depender da faixa etária, costumam ter certa inclinação à preferência pela ludicidade. Para os pequenos, muita coisa ainda é muito nova, muito ainda está se descobrindo, de maneira que as práticas pedagógicas leitoras tendem a mostrar e falar, mais do que ouvir deles.

A contação de história é uma metodologia essencial no trabalho do bibliotecário, enquanto mediador da leitura, como objetivo principal, fazer as crianças mergulharem no mundo da imaginação, no mundo da leitura contada, de forma lúdica. É um recurso utilizado para o incentivo à leitura, para despertar na criança o

interesse por essa atividade desde de cedo. Visto que a leitura é um exercício constante no dia-a-dia.
(SILVA; ALENCAR; BERNARDINO p. 39, 2017)

Destaca-se aqui o papel fundamental dos bibliotecários em mediar a leitura – nesse contexto, para crianças – utilizando a contação de histórias como ferramenta principal. Afinal, é desde pequeno que se constrói os gostos pessoais, os saberes e se vivencia experiências que serão base para a vida adulta. Não se pode ignorar o fato de que, para as práticas leitoras chegarem ao jovem, é preciso que, primeiro, cheguem à criança.

Em outra ponta, quando se fala de jovens (pré ou adolescentes), está se referindo a um público que tem um pouco mais a falar, e que costuma querer compartilhar seus entendimentos, dúvidas e reflexões acerca do mundo que lhe cerca. Para tal, clubes ou grupos de leitura, – como os citados pelas autoras do artigo de 2021, sobre booktubers – são uma interessante alternativa, ao passo que, também, estimulam a socialização.

La participación en el club de lectura permitió –entre otros aspectos- que los alumnos pudieran “socializar” la comprensión lectora de las obras tras la realización de la lectura individual. Al poder contrastar con los compañeros sus interpretaciones sobre los textos leídos y compartir dudas sobre pasajes o aspectos ambiguos, los niños realizaron una comprensión más profunda y más fundamentada de las obras.
(ÁLVAREZ-ÁLVAREZ e VEJO-SAINZ 2017, p.113)

O trecho acima destacado foi retirado do artigo de 2017 dos autores espanhóis Carmen Álvarez-Álvarez e Rocío Vejo-Sainz, publicado na revista *Biblios*. Nele – ao ser feita uma avaliação sobre os resultados da implementação de clubes de leitura em escolas – é destacada a importância dos mesmos e de seus resultados positivos entre os alunos.

É salientada a importância de não apenas ler mas também de se debater aquilo que é lido, e como isso pode ser feito em escolas, com jovens de diversas idades, através dos clubes. Estes, além de melhorarem a compreensão e a prática leitora dos alunos, também fincaram o gosto pela leitura, ao passo que também permitiram uma saudável socialização entre os jovens.

Se lemos continuamente sem pensar depois no que foi lido, a coisa não se enraíza e a maioria se perde. Em geral não acontece com a alimentação do espírito outra coisa que com a do corpo: nem a quinquagésima parte do que se come é assimilado, o resto desaparece pela evaporação, pela respiração ou de outro modo. Acrescente-se a tudo isso que os pensamentos postos no papel nada mais são que pegadas de um

¹ “A participação no clube de leitura permitiu -entre outros aspectos- que os alunos pudessem ‘socializar’ a compreensão leitora das obras após a realização da leitura individual. Ao poderem comparar suas interpretações dos textos lidos com seus colegas e compartilhar dúvidas sobre trechos ou aspectos ambíguos, as crianças tiveram uma compreensão mais profunda e fundamentada das obras.” (tradução nossa)

caminhante na areia: vemos o caminho que percorreu, mas para sabermos o que ele viu nesse caminho, precisamos usar nossos próprios olhos.
(SCHOPENHAUER 1993, p.21)

O trecho acima, retirado de um clássico e singular texto de Arthur Schopenhauer (curiosamente, uma crítica à leitura), nos remete a necessidade de não apenas absorver, mas de refletir aquilo que se lê, o que pode ser feito através de reflexões pessoais e exercícios mentais, ou mesmo de conversas em um grupo voltado para o debate de textos.

A alternativa dos clubes de leitura, na verdade, nada tem de tão nova pois remete a meados do século XVII, na França, onde tais grupos já existiam e logravam bastante êxito entre os grupos sociais mais bem letrados. Para que se pratique a leitura como algo prazeroso e interessante, é preciso que ela deixe de ser algo obrigatório, cansativo e pontual.

Para tal, essa mudança de paradigma deve ocorrer com a inserção e visualização da mesma dentro das rotinas, como algo presente e positivo. Deve-se falar sobre, debater, escutar. Deve-se viver tendo a visão de que, ao seu redor, tudo é leitura, independentemente da existência ou posse de um livro de papel ou não.

Inclusive, hoje em dia é notadamente bastante fácil encontrar materiais de leitura em suportes digitais, através por exemplo das bibliotecas virtuais. Muitas inclusive podem ser acessadas através de aplicativos de smartphone, o que facilita e amplia em certo grau o acesso às mesmas. Porém, nem todas têm um acesso tão democratizado, tendo em vista que muitas requerem assinaturas com pagamentos mensais ou mesmo semanais, o que pode ser desanimador para alguns. Também, as mesmas nem sempre têm uma boa e efetiva divulgação.

Desta forma, uma outra – já bem conhecida – ferramenta de acesso e incentivo à leitura e, conseqüentemente, à cultura, que seria interessante investir mais, encontra-se nas – consideradas antigas – bibliotecas, que hoje podem inclusive ser chamadas de centros culturais. Infelizmente, não é tão comum encontrá-las nos bairros de Fortaleza (utilizo o exemplo da capital do estado do Ceará por ser o mais próximo de vivência pessoal). Existe uma grande lacuna sociocultural que esses espaços poderiam preencher.

Uma rápida busca nos buscadores Google e Google Maps nos mostra que, apesar de existirem, esses espaços são escassos e muitas vezes localizados em bairros mais distantes da periferia, o que é com certeza um dos fatores que podem inviabilizar a frequência e mesmo interesse de muitos usuários em visitar os ambientes.

Por outro lado, existem, em certo expressivo número, pontos de leitura livre, como bibliotecas comunitárias ou projetos do tipo “Gelateca -Geladeira de Livros” ou semelhantes,

onde os usuários doam, pegam de empréstimo e devolvem livremente diversos tipos de materiais de leitura.

Esses pontos, apesar de costumeiramente serem alvos de vandalização, furto e abandono, ainda sim, representam uma necessidade e interesse da população em práticas leitoras, em descobertas dentro daquilo que hoje se parece tão antiquado, comparado às novas tecnologias, que é o livro de papel.

Ouso dizer que, para muitos jovens dessa nova geração – inicialmente chamada de Alpha – em meio a tantos tipos de tecnologias e ferramentas online, algo tão delicado e ao mesmo tempo tão forte quanto um livro, pode causar curiosidades e assim, oportunidade de certa redescoberta.

A prática mais tradicional de leitura, que envolve interesses e paixões pessoais, pode parecer tão distante da realidade de muitos, que pode mesmo gerar um curioso interesse. A leitura é mesmo paradoxal: ao mesmo tempo que parece tão delicada e íntima, uma prática tão pessoal, também é forte e revolucionária. “O germe do conhecimento, que nos chega através da leitura, abalou séculos de escuridão e escravidão, levou muitas pessoas à morte e fez de tantos outros gênios de sua época.” (NEVES, 2013)

Voltando a falar de bibliotecas, há um exemplo bastante positivo que merece destaque: o de uma biblioteca que abriga um verdadeiro centro cultural, a chamada Cristina Poeta, localizada no Bairro Autran Nunes, em Fortaleza.

Além de contar com um acervo de mais de 7.000 materiais – dentre livros didáticos e paradidáticos, best-sellers, gibis, revistas, dentre outros muitos – o lugar conta ainda com amplos espaços variados, como uma sala de computadores e eletrônicos em geral; área de lazer ampla, a céu aberto, onde se realizam diversos cursos, atividades e jogos, em geral gratuitos; amplo salão para aulas de ginástica para idosos; salas de estudo, etc.

O espaço consegue atrair públicos de todas as idades, não só para desfrutar as atividades extra-biblioteca, mas também para dentro da própria. E são espaços como esses, que fazem falta hodiernamente. Lugares onde a população pode conviver de maneira mais próxima da leitura, através das bibliotecas, vendo-a como positiva, necessária, e importante eixo sócio-cultural.

7 ANÁLISE DE RESULTADOS QUANTITATIVOS

Como já afirmado inicialmente, se fez necessário para a pesquisa, uma busca bibliográfica nas bases de dados: BRAPCI (Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação), Google Acadêmico e nos anais do ENANCIB (Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação), pelas palavras chave: leitura; prática leitora; história da leitura; tipologia da leitura; ações de leitura; leitura na escola. Escolheu-se para um recorte bibliográfico mais atual, dos anos 2000 a 2022

Desta forma, neste capítulo, serão analisados os dados quantitativos de pesquisa feita acerca da busca por materiais bibliográficos que versem sobre leitura e suas práticas – como foi citado no início do trabalho. Abaixo, segue uma tabela que esquematiza os resultados apurados, na busca por algumas palavras-chave na base de dados da BRAPCI.

Tabela de dados apurados sobre leitura na BRAPCI.

BRAPCI		
Palavras-chave	filtro “Título”	filtro “palavras- chave”
Leitura	433	420
Prática leitora	1	2
História da leitura	5	18
Tipologia da leitura	—	—
Ações de leitura	3	6
Leitura nas escolas	6	3

Fonte: elaborada pela autora.

De modo geral, os resultados apurados foram bastante satisfatórios, apesar da notável lacuna bibliográfica que se encontra ao buscar trabalhos relacionados a tipologia (ou tipos) de leitura. Aparentemente, essa é uma subárea ainda pouco explorada, mas de grande potencial, que futuramente pode ser um valioso objeto de pesquisa para a autora em seus próximos trabalhos.

Nomeadamente, a primeira palavra-chave escolhida – leitura – devido a sua amplitude

conceitual, trouxe uma quantidade razoável de resultados, tanto quando utilizado o filtro “título”, quanto no “palavra-chave”. Apesar de alguns dos resultados recuperados serem tangenciadores do tema, ainda sim, muitos – mais da metade – são considerados válidos, mostrando que, em amplo aspecto, a temática é sim relativamente bem explorada pelos autores indexados na base de dados.

Quanto às outras palavras-chave, é notável a redução de resultados recuperados, nos mostrando que trabalhos mais pontuais e aprofundados nas temáticas correlatas à leitura, ainda não são suficientemente explorados.

A busca por “história da leitura” apresentou um quantitativo de resultados bem menor, mas ainda sim razoável, tendo em vista que todos os trabalhos recuperados eram de fato voltados para a temática, e não tangenciadores. Um dos motivos, é que qualquer entendimento sobre a leitura, perpassa – evidentemente – a sua própria história, tendo em vista também que a história da humanidade é construída em grande parte pela leitura e suas transformações, direta ou indiretamente.

A prática leitora apresenta-se como preocupantemente pouco tratada, e a tipologia da leitura menos ainda, pois nada se recuperou da pesquisa mesmo quando se trocou o termo “tipologia” para “tipos”, na tentativa de facilitar a recuperação de resultados.

Finalmente, os termos “ações de leitura” e “leitura nas escolas” apresentam uma pequena e conjunta elevação quantitativa, que pode ser explicada pelo fato de que, costumeiramente, as ações voltadas para a leitura são entendidas como essenciais dentro das escolas, sendo assim o desenvolvimento de projetos de incentivo, por exemplo, fins que tem os dois conceitos acima citados como meios, em relação quase sinonímica.

Agora, em se tratando da pesquisa no Google Acadêmico, devido a sua enorme abrangência enquanto potente motor de buscas, foi preciso o uso de mais filtros para uma pesquisa mais específica, que atendesse aos objetivos aqui postos, como “apenas artigos de revisão”, bem como de uma mudança de parâmetros, reduzindo-os, utilizando apenas os anos de 2020 a 2022. A pesquisa trouxe por volta de cinco mil resultados – relativos à busca do termo sugerido pelo próprio – “história da leitura discussões”, sendo os resultados, em grande parte, tangenciadores do tema, sem de fato aprofundarem-se diretamente sobre.

O motivo provavelmente está no fato já mencionado anteriormente de que, história social, cultural, antropológica e humana, de nós enquanto sociedade, se mistura com a própria história da leitura, de maneira que a busca pela temática da historiografia leitora, pode muitas vezes trazer imensos quantitativos de resultados, e no caso mais específico do Google acadêmico, isso se constata pois, por não ser uma base de dados específica da área de estudos

da CI ou da Biblioteconomia, ela traz como resultados, trabalhos advindos de diversas áreas de estudo correlatas.

Quanto à pesquisa nos anais do ENANCIB, foram escolhidas para a amostragem, três edições do evento – as que estavam mais acessíveis à pesquisa – para análise dos trabalhos publicados, utilizando as mesmas palavras chaves da pesquisa na Brapci, trazendo poucos mas importantes resultados, visíveis abaixo.

Tabela dos quantitativos apurados na pesquisa nos anais do evento Enancib

ENANCIB			
	Edições		
Palavras-Chave	XIV Enancib 2013	XIX Enancib 2018	XXI Enancib 2021
Leitura	2	12	6
Prática leitora	—	—	—
História da leitura	1	—	1
Tipologia da leitura	—	—	—
Ações de leitura	—	—	—
Leitura nas escolas	1	—	—

Fonte: elaborada pela autora

É notável que a temática passou a ser mais explorada com o passar dos anos, mas talvez ainda não tenha chegado ao nível ideal. Dentro dos resultados apurados, encontram-se trabalhos que dizem respeito a relatos de experiência ou estudos específicos feitos em certas comunidades, geralmente escolares. São trabalhos que em sua maioria falam sobre a literacia e literatura como importantes ferramentas para o desenvolvimento cognitivo e acadêmico de crianças e pré-adolescentes.

Mais uma vez, a palavra-chave “leitura”, devido a sua abrangência de significados, trouxe um número maior de resultados em comparação com as outras, sendo a história da leitura e a leitura nas escolas, as temáticas que trouxeram resultados, mesmo que reduzidos.

Pela linha temporal traçada, entre 2013 e 2021, é possível notar que a leitura não vem

sendo muito investigada nos trabalhos do evento, muito provavelmente pelo entendimento de que os trabalhos devem deter-se naquilo que é mais atual e pungente, ou seja, nas tecnologias e novas relações de informação no meio digital.

Tal entendimento não é de maneira alguma equivocado, mas com certeza, se exagerado, torna-se restringidor de ideias, na medida em que acabamos por deixar cada vez mais de lado, os estudos e esforços voltados para a construção e desenvolvimento contínuo de uma cultura leitora, tão necessária na sociedade brasileira.

8 CONCLUSÕES

Tendo em vista o panorama geral de toda a pesquisa realizada, pode-se afirmar que, mais do que nunca, a leitura é uma pauta de profunda importância, e seu incentivo – adaptado às mudanças paradigmáticas da nossa sociedade – nunca foi tão urgente, principalmente quando se destaca a grande lacuna bibliográfica de pesquisas que temos, hodiernamente, acerca da temática.

Na sociedade multimidiática, super informacional e perene em que vivemos, muitos paradigmas se fazem presentes dentro do contexto da cultura, refletindo-se claro nas práticas leitoras. Paralelamente, fenômenos sócio-midiáticos como os *booktubers* e suas derivações, batem de frente com uma sociedade que tem cada vez menores níveis de leitura, principalmente quando se leva em conta nossa formação histórica enquanto nação e os desafios e tragédias que enfrentamos, como a ainda recente pandemia de Covid-19.

Em meio a tantas questões, foi possível avaliar teoricamente alguns pontos importantes, de maneira que é possível destacar algumas ações essenciais ao processo de incentivo à leitura, principalmente entre os jovens, a seguir pontuadas em ordem lógica, mas sem classificação de importância.

Primeiramente, é importante o entendimento – principalmente por parte dos educadores, expandindo-se até os próprios alunos – de que a leitura é uma prática intrínseca a nós seres humanos e que está profundamente fincada em nossa história, de maneira que, ao existir e se manifestar de diversas formas e em diversos suportes, a leitura não é apenas aquela tradicional dos livros de papéis, e que diferentes tipos de materiais de leitura e seus suportes são sempre bem vindos.

Em sequência, se faz necessária a implementação de projetos e práticas, como clubes de leitura, nas escolas (foco da pesquisa), onde se exercite a reflexão e debate coletivo sobre aquilo que é lido. Também, esses estímulos podem incluir debates acerca de obras de arte, notícias dentre outros, de maneira a reforçar que a leitura não se prende apenas aos livros de papéis.

Em terceiro lugar, é importante que se compreenda que os meios tradicionais de avaliação utilizando a leitura mandatória de paradidáticos, talvez já não sejam mais tão eficazes no cultivo e desenvolvimento de uma cultura leitora. A prática, apesar de positiva, pode ser mais bem desenvolvida e explorada se for construída juntamente com os alunos, permitindo por exemplo que escolham os livros, o que pode gerar uma maior identificação com a obra e interesse em, de fato, lê-la.

Também, no que tange aos paradidáticos, é necessária uma atenção à questão da desigualdade financeira, ainda tão presente no país. Pequenas ações como selecionar apenas os paradidáticos que já estão disponíveis na biblioteca da escola, ou que tem suas versões livremente disponibilizadas na internet, com certeza podem trazer resultados positivos.

Também, o aumento no investimento, por parte do estado, em centros culturais que incluam bibliotecas, principalmente nas periferias das grandes cidades – que é onde geralmente se encontram lacunas e maiores problemas sociais advindos, em grande parte, da falta de acesso à cultura.

Tais espaços devem ser livres, públicos e gratuitos, ao passo que também devem incluir uma variedade de suportes e tipos de leitura, podendo assim democratizar o seu acesso, reduzindo barreiras, inclusive de acessibilidade, atraindo igualmente todos os públicos possíveis.

Tudo isso pode ser feito, e muito mais, a partir do momento que a sociedade se conscientizar, através primeiramente da divulgação do fazer científico e de pesquisas na área, das necessidades que nos envolvem enquanto nação, e das benesses que o cultivo e desenvolvimento de uma cultura leitora podem trazer.

Assim, a autora crê que é sim possível aproximar muito mais os jovens brasileiros das práticas leitoras, sejam elas físicas ou virtuais, tradicionais ou modernas, desde que seja desenvolvida uma mentalidade de valorização da leitura, e que os esforços sejam voltados para o desenvolvimento do saber crítico, ativo e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ABLE, S.K. Retratos da Leitura no Brasil: por que estamos perdendo leitores. **Cenpece** 2 set. 2020. Disponível em: <https://11nq.com/NswuB>. Acesso em: 26 mai. 2023.

ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, C.; VEJO-SAINZ, R. Mejora de la Competencia Literaria con un Club de Lectura Escolar. **Biblios**, Universidade de Cantabria – UNICAN. DOI 10.5195/biblios.2017.351, Espanha, nº 68, 2017. Disponível em: <http://biblios.pitt.edu/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

APÓS Pandemia, Brasileiros Apresentam Até 4 Anos de Defasagem Educacional. **Exame** 10 mar. 2022. Disponível em: <https://11nq.com/T4gyN>. Acesso em: 26 mai. 2023.

ARAÚJO, A.L. Pandemia Acentua Déficit Educacional e Exige Ações do Poder Público. **Agência Senado**, 10 jul. 2021. Disponível em: <https://encr.pw/jUUUw>. Acesso em: 26 mai. 2023.

BAMBERGER, R. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. Editora Ática/Unesco, 1995.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BISPO, T. M. S.; CAMPOS, H. P. P. A Importância do Incentivo à Leitura em uma Biblioteca Pública. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69161>. Acesso em: 13 ago. 2021.

BURKE, P. (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Magda Lopes. 2. ed. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

BURKE, P. **O Que é História Cultural?** Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANCLINI, N.G. **Leitores, Espectadores e Intelectuais**. Iluminuras, 2008.

CARNEIRO, F.M. **Leitura e Linguagens**. Pensar a Leitura: complexidades. São Paulo: Loyola, 2002.

CENSO Escolar Confirma Impacto Negativo da Pandemia na Educação Básica. **Jornal Nacional** 10 mai. 2022. Disponível em: <https://acesse.one/rstoK>. Acesso em: 26 mai. 2023.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: artes do fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Forense Universitária, 1994.

CHARTIER, R. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. UNESP, 2001.

CHARTIER, R. **À Beira da Falésia: a história entre as incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. **A Ordem do Livro: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, R. **Do Livro à Leitura**. CHARTIER, Roger. Práticas de Leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. 4. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 77-104.

CHARTIER, R. **Formas e Sentido - Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CHARTIER, R. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

DARNTON, R. **“A leitura Rousseauista e um Leitor ‘Comum’ do Século XVIII**. CHARTIER, Roger (Org.). Práticas de Leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. Práticas de Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 143-176.

DARNTON, R. **História da Leitura**. BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, 2. ed., p. 199-236.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler Em Três Artigos Que Se Completam -** Polêmicas do Nosso Tempo, nº 4. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, A. Influência das Redes Sociais nos Hábitos de Leitura Aumentou, Diz pesquisa. **CNN Brasil** 1 ago. 2022. Disponível em: <https://encr.pw/scfB5>. Acesso em: 26 mai. 2023.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ÍNDICE de Leitura Diminui 4% no País. **Correio do Povo** 16 set. 2020. Disponível em: <https://encr.pw/0znHT>. Acesso em: 13 ago. 2022.

JÚNIOR, J.S.C.; MACIEL, R.S. **Uma Poética e uma Política no Ato de Ler: diálogos com Roger Chartier e Michel de Certeau**. Anais do Simpósio Nacional de História - ANPUH. Natal, 2013. Disponível em: encr.pw/KLywC. Acesso em: 14 mar. 2023.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. **Enciclopédia e Dicionário**. Rio de Janeiro: Delta, 1994.

MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, 2004. **Epub** Disponível em: encr.pw/XCWa4. Acesso em: 25 jan. 2023.

MARTINES, P. R. O Exercício da *Lectio* na Tradição Medieval - *Lecturis Salutem*. **Acta Scientiarum** Education, vol. 41, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v41i1.46791>. Disponível em: encr.pw/ooiEf. Acesso em: 25 jan. 2023.

MORAIS, J. **A Arte de Ler**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

NETO, J.N.; GRANDE, J.R.C. Cultura Escolar e a Prática da Leitura: a Interface Analisada. UNOPAR Cient., **Ciênc. Human. Educ.** Londrina, v. 12, n. 1, p. 23-30, Jun. 2011. *Pdf*. Disponível em: encr.pw/NYXfl. Acesso em: 26 jan. 2023. *Pdf*.

NEVES, J.J. Leitor Brasileiro: histórico e formação. **Para Entender a História**, Vol. jul., Série 05/07, 2013, p.01-09. Disponível em: <https://abre.ai/fW8b>. Acesso em: 14 mar. 2023.

NUNES, C.O.I. Leitura na Idade Média: ruptura com a oralidade. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, 65, 2007. *Pdf*. Disponível em: encr.pw/WHJ0G. Acesso em: 26 jan. 2023.

OLIVEIRA, A. D.; PRADOS, R. M. N. Políticas Públicas Para o Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca no Brasil. **Información, Cultura y Sociedad** Aires, v.32, p.99-112, jun. 2015.

OLIVEIRA, H.C.C. *et al*/Booktubers e Bibliotecas: uma proposta de atuação inovadora de mediação de leitura. **RICI: R. Ibero-amer. Ci. Inf.** Infília, ISSN 1983-5213, v. 14, n. 1, p. 8 - 25, jan./abril de 2021. Disponível em: <https://11nq.com/R50yY>. Acesso em: 04 jun 2023.

OLIVEIRA, M.L.L.; BATISTA, G.M. Breve História da Leitura Escolar no Brasil: a formação de leitores. **Papéis -Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguagens -UFMA** São Paulo: 2018. Vol. 22, Nº 44, págs. 64 a 85. Disponível em: encr.pw/F9PjV. Acesso em: 14 mar. 2023.

ORWELL, G. **Memórias da Livraria**. Ensaios. Tradução de Fabrício Zuccherato *et al* Brasil: Pé da Letra, 2020.

PARENTE, C. Entrevista com Eliana Yunes – Conversando sobre leitura. **Mídia e Educação** 16 dez. 2009. Disponível em: 11nq.com/JMYIZ. Acesso em: 14 mar. 2023.

POR que o Brasileiro Lê Tão Pouco?. **Notícias UNISINOS** São Paulo: 2022. Disponível em: <https://abre.ai/gegy>. Acesso em: 26 mai. 2023.

RODRIGUES, P.C.; CARDOSO, R.D.; GONZAGA, S.R.E. Práticas de Leitura no Livro Didático: a falta do prazer da leitura na formação do leitor. **Acta Scientiarum. Language and Culture** vol. 42, nº 2, 2020. *Pdf* Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Disponível em: encr.pw/uznUx. Acesso em: 26 jan. 2023.

SANTOS, R. Escolástica - A Filosofia durante a Idade Média. Especial Pedagogia & Comunicação. **UOL** Disponível em: <https://abrir.link/M7Pwu>. Acesso em 25 jan. 2023.

SCHOPENHAUER, A. **Sobre Livros e Leitura**. Tradução de Philippe Humblé e Walter Carlos Costa. Porto Alegre: Editora Paraula, 1993.

SILVA, A.J.M.; ALENCAR, A.Q.; BERNARDINO, M.C.R. Biblioteca Escolar e Mediação da Leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Folha de Rosto: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 17, p. 36-44, 2017.

SIMÕES, M.A. **História da Leitura: do papiro ao papel digital**. Tecnologia em: São Paulo, 2006. *E-book* Disponível em: http://masimoes.pro.br/livros/hist_leit/. Acesso em: 25 jan. 2023.

SOARES, M.V., Por Que Nossos Alunos Não Gostam de Ler?. **Revista Educação Pública** 2015. Disponível em: <https://encr.pw/genhy>. Acesso em: 15 mai 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Biblioteca Universitária, 2013. Disponível em: encr.pw/UuWb5. Acesso em: 9 jun. 2021.

YUNES, E. (org.). **Pensar a Leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2005.